‘BERTSOS’ E IDENTIDADE 22

Enquanto na Galiza a tradiçom dos regueifeiros parece esmorecer, no País Basco o bertsolarismo goza de umha gram popularidade. Ekaitz Samaniego é um desses jovens que, cantando, ajuda a recuperar o euscaro.

NEOLÍNGUA E REGRESSOM 18

Participamos de um empobrecimento generalizado da linguagem: a capacidade de expressom deteriora-se, morrem conhecimentos e é cada vez mais infrequente a clara formulaçom de pensamentos. Artigo de Antom Santos.

“O Vaticano nom estava dacordo com o emprego da cruz por parte dos falangistas”

TELMO COMESAÑA
presidente da Associaçom pola Memória Histórica do 36 em Vigo
Pág. 6 e 7

NÚMERO 140 | 15 DE SETEMBRO A 15 DE OUTUBRO DE 2014 | 2 €

NOVAS DA GALIZA

PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇOM CRÍTICA

ALEXANDRA DIAZ BLANCO

MACHISMO INSTITUCIONAL

GOVERNOS VALIDAM A VIOLAÇOM DE DEREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS

A aceitaçom da discriminaçom, a falta de empoderamento sexual e a crescemente desvinculaçom da sanidade pública respeito a sexualidade e o sexo som consequências diárias do incumprimento dos direitos sexuais e reprodutivos. Além disso, a Galiza pode ver-se afetada por umha lei que penaliza o direito ao aborto.

A violaçom governamental por estes direitos atinge a comunidade internacional. El Salvador encarcerou este ano catorze mulheres por um aborto que foi involuntário. Nengum governo foi julgado pola sistemática violaçom aos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres. / PÁG. 15-17

Monte vizinhal que aviva o rural

A Comunidade de Montes de Paranhos, no Covelo, trabalha na recuperaçom do património ligado a elaboraçom de cera / PÁG.10

EXPLORAÇOM DE CEMENTOS COSMOS

Luz verde a umha mina sem estudo ambiental

A aprovaçom da licença municipal para a atividade de Cementos Cosmos em Triacastela mostra as interpretaçons da legislaçom que administraçom e empresas utilizam para manter exploraçons agressivas com o território. Deste jeito, explicita-se um compromisso dos diversos governos da Junta por regularizar canteiras no baleiro legal. No caso de Triacastela, umha mina sem avaliaçom ambiental poderá extrair caliça nas proximidades de um importante jazigo arqueológico. / PÁG. 20

APOIOS A CATALUNHA DESDE GALIZA

“Se nom convém, a democracia é ilegal”

Todas as previsons fôrom superadas. Mais um ano, Catalunha bateu marcas na sua Diada Nacional e arredor de dous milhons de pessoas formárom em Barcelona um gigantesco ‘V’, de ‘votar’ e de ‘vitória’. No mesmo 11 de setembro, a plataforma Galiza com Catalunha lograva formar em Compostela outro ‘V’ solidário. Carme García e Susana Montesinos, vozeiras da ANC na Galiza, valoram nesta entrevista o presente e o futuro do processo soberanista em Catalunha. / PÁG. 12

OPINIOM

FAZER MANOEL ANTONIO por Alberto Lema / 3

O MEU CORPO, A MINHA FESTA por Alícia Ares / 3

MOLT MISERABLE PRESIDENT por Alberto Ramos / 28

SUPLEMENTO CENTRAL A REVISTA

SISARGAS, O PARAÍSO DAS AVES MARINHAS
João Aveledo fai um repasso da flora e fauna destas ilhas da Costa da Morte, testemunhas de inúmeros naufrágios.

COUTO MISTO: A REPÚBLICA ESQUECIDA
X. Pereira relata as origens das povoaçons arraianas que durante geraçons experimentárom o autogoverno.

O PELOURINHO DO NOVAS

Se tés algumha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejas transmitir-nos algumha inquietaçom ou mesmo algumha opiniom sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverám ser originais e nom poderám exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, Novas da Galiza reserva-se o direito de publicar estas colaboraçons, como também de resumi-las ou extratá-las quando se considerar oportuno. Também poderám ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antisociais intoleráveis. Endereço: pelourinho@novasgz.com

AS MULHERES MÚSICAS DO PAÍS, HAVÊ-LAS, HAI-NAS

Neves de Grijoa, cabelo rapado, monteira por pano, faixa no refaixo, cirolas por enáguas e dormir ao pé da cama. Laura transviste-se com o "fato de homem" para poder ir tocar às festas, de balde, com o seu pai e os seus irmaos quando lhes falta "um número" dos oficiais. Nos anos 50 nesta aldeia da comarca do Carvalhinho (Ourense), no franquismo, é impensável que umha mulher cobre um salário por desenvolver umha atividade artística em público.

A promoçom dumha educaçom nom igualitária com ferramentas como o "Guía de la buena esposa" da Seçom Feminina, próprias do ideário oficial da época, contribuíam a difundirem a ideia da mulher na casa, desvalorada, submissa, abnegada, reprimida, apoucada e submetida aos desejos e necessidades de deus, da pátria e do homem, como reflexo dumha sociedade patriarcal e androcéntrica.

Mália que as mulheres na Galiza fossem matriarcas, e moitas delas excelentes tangedoras dos nossos instrumentos tradicionais (pandeiras, pandeiretas, adufes, tijolas, latas, vozes, gaitas, tamboril...), feito que se reflite nos centos de recolhidas de música tradicional ao longo de todo o país (lembranças de fiadeiros, ruadas, esmorgas, repichocas e triscas espontáneas), nom se conta com elas para serem contratadas numha festa. Assim, vivem-se trabalhos e artes às agachadas, sem reconhecimento, tendo de demonstrar o dobre e em segundo plano.

Nesta mesma comarca ourensá, a setembro de 2014 nos tempos da nova democradura ou dedocracia, a organizaçom de festas da "Romaría da Saleta" quer contratar um grupo de música tradicional galega, mais com umha condiçom: "nom podem vir tocar mulheres porque nom é tradicional", este ato retrógrado, aberrante, misógino e discriminatório por parte da organizaçom vai em contra do direito fundamental da igualdade entre as pessoas, por isso nom pode passar desapercebido para as que acreditamos numha sociedade para a coeducaçom, a corresponsabilidade e a liberdade de cada quem para se expressar, desenvolver-se em todas as suas dimensons e atrever-se a ser como queira ser, mantendo isto mesmo sem impedir-lho aos demais.

Este ato de exclusom quer ser denunciado por este coletivo de mulheres músicas que acreditam na tradiçom galega como algo vivo em permanente transformaçom e nom gostam das etiquetagens, nem sequer da de género, que coma outras, se pode deconstruír. Tampouco havíamos calar se nos digessem que nom podem vir tocar pessoas doutras partes do mundo, pessoas com olhos azuis ...pessoas...

A música TRANS-cende universos, buracos negros, abismos, fronteiras, galáxias por descobrir, e nom vamos deixar passar as mentes limitadas que tivérom o poder de organizar esta festa com critérios de veto e exclusom, a música TRANS-cende a ideia mesma de género como etiquetagem difusa e deconstruível. EU QUERO SER...GHAITEIRA!

Habelas Hainas

HUMOR GONZALO

EDITORIAL

O candado no sexo

Cada dia Osama pom sobre ela a roupa que lhe dá aparência de homem e lhe permite acceder ao emprego com o que mantém a su família de mulheres. Mais quando a menstruaçom reflexa a sua identidade, Osama é vendida a um Mullah. Ele leva-a a um palácio, ensina-lhe a que vai ser a sua habitaçom e, entom, lhe pregunta: com que candado queres que te encerre? O executivo de Espanha lança ante os méios de comunicaçom a anclaçom da reforma penal da lei do aborto mais isso nom indica que nom sigamos pechadas no mesmo quarto. Onde está a nossa educaçom sexual? Onde o nosso direito a nom ser discriminadas pola nossa sexualidade? Em que parte ficam desmantelados os COF, a especialidade de ginecología vetada e o interese polo auto-conhecemento do corpo ignorado? A recém gravaçom e disufom dum video em Monforte no que se detalha umha agresom sexual é banalizada polo governo e os mass media que o catalagam de "imagens sexuais" sendo reflexo e causa do sequestro da soberania de todas as mulheres. Mais é no momento em que o autor da agresom, e quem sostinham a cámara entre risadas, ficam em liberdade provisional quando se produz o nosso própio engaiolamento. Endejamais escolheremos candado já que nosso objetivo sempre foi rematar com a vida do Mullah.

> Quando o agressor fica livre é quando se produz o nosso engaiolamento

EDITORA
A.C. Minho Media

CONSELHO DE REDAÇOM
Iván G. Riobó, Aarón López Rivas, Rubén Melide, Xavier Miquel, Raul Rios, Xoán R. Sampedro, Olga Romasanta, Alonso Vidal e Ana Viqueira

SECÇONS
Cronologia: Iván Cuevas / **Economia:** Raul Rios / **Mar:** Afonso Dieste / **Media:** Xoán R. Sampedro e Gustavo Luca / **Além Minho:** Eduardo S. Maragoto / **Povos:** José Antom 'Muros' / **Dito e Feito:** Olga Romasanta / **A Denúncia:** Iván García / **Desportos:** Anjo Rua Nova e Xermán Viluba / **Consumir Menos, Viver Melhor:** Xan Duro / **A Criança Natural**: Maria Álvares Rei / **Agenda:** Irene Cancelas / **A Revista:** Rubén Melide / **A Galiza Natural:** João Aveledo **Língua Nacional:** Isabel Rei Samartim / **Criaçom:** Patricia Janeiro / **Cinema:** Xurxo Chirro, Iván García Ambruñeiras e Julio Vilariño

DESENHO GRÁFICO E MAQUETAÇOM
Hilda Carvalho, Manuel Pintor

FOTOGRAFIA
Arquivo NGZ, Sole Rei, Galiza Independente (GZI-Foto), Zélia Garcia, Borja Toja

ADMINISTRAÇOM: Carlos Barros Gonçales

AUDIOVISUAL: Galiza Contrainfo

HUMOR GRÁFICO
Suso Sanmartin, Pestinho, Xosé Lois Hermo, Gonzalo, Ruth Caramés, Pepe Carreiro, Mincinho, Beto

FECHO DE EDIÇOM: 20/09/2014

CORREÇOM LINGÜÍSTICA
Xiam Naia, F. Corredoira, Vanessa Vila Verde, Mário Herrero, Javier Garcia, Iván Velho, José Dias Cadaveira, Albano Coelho

COLABORAM NESTE NÚMERO
Alexandra Díaz Blanco, Alberto Lema, Alícia Ares, Vera-Cruz Montoto, Damián Copena, Sonia Daponte, Antom Santos, Winston Smith, Nano, Rosabel Candal, Carlos C. Varela, Pedro Peom, Ismael R. Saborido, Alberto Ramos, X. Pereira, Sabela Iglesias, Susana Sánchez Arins

D. LEGAL: C-1250-02 / As opinions expressas nos artigos nom representam necessariamente a posiçom do periódico. Os artigos som de livre reproduçom respeitando a ortografia e citando procedência.

OPINIOM

Fazer Manoel Antonio

Alberto Lema

Quanto é que dura um povo? Perguntava há tempo Uxío Novoneira deixando ver certa angústia perante o nosso possível acabamento comunal. E nom é umha excepçom, a nossa literatura está içada de metáforas e signos premonitórios da extinçom: índios, baleias, atlántidas, suicídios, vegliotas, esquimós, lumes que lampejam cada vez mais morno… No nosso país, a hipocondria é arte, e cada sintoma, um género literário em si próprio.

Um povo dura o que durar o seu ruído, a sua cançom, assim dizia Sloterdijk numha das suas *Esferas*. Comunidades de som, que nom é exatamente o mesmo que dizer comunidades lingüísticas: os limites do sotaque nunca coincidem com as isoglossas. Porém, vê-lo assim nom deixa de ser um falso consolo, e por isso os falantes conscientes de galego andamos sempre um tanto apesarados: se as baleias soubessem que estám em perigo de extinçom, também deixariam de brincar por cima das águas e limitariam-se a vagar dum lado para o outro, como almas em pena, polas suas soidades austrais. Contudo, chorando aprende-se, como di Emilio Xosé, e nós devemos levar já, a tal hora, um importante fardel de sabedoria atesourado ao lombo logo de tanto auto-amolar-nos, procurar razons e taumaturgos que coutassem o nosso longo decair.

Quando se fodeu o discurso em defensa da língua? O que figemos mal que dependera só de nós e nom do nosso conhecido catálogo de traiçons, doenças e misérias históricas (a nula colaboraçom da burguesia e a Igreja nisso que na década de noventa se deu em chamar processo de construçom nacional, a nossa industrializaçom serôdia e cativa, a situaçom periférica, a falta de autonomia política, etc)? Nom sei, mas acho que, sem dúvida, a unidade da maior parte do nacionalismo nos anos 90 tivo um efeito perverso: ao esborralhar por necessidades táticas as contradiçons de classe, concentrou boa parte do seu ativismo mais visível no único elemento unificador inter-classista, os fatores identitários, a língua sobretudo. Isto impediu que surgisse umha dialética, umha competência entre visons opostas sobre o que significa a naçom. E o independentismo tampouco tivo, por razons demasiado extensas de explicar aqui, a potência precisa para criar umha alternativa ou fornecer, quando menos, umha unidade de açom arredor de quatro pontos mínimos. Enfrentado por desconfianças históricas e velhas pelejas sicilianas, parte dele amparou-se numha resistência sem vocaçom de gueto, e a outra parte num gueto com vocaçom de mais gueto.

> Umha cultura cultivada dentro dos limites ideológicos impostos por um poder contrário à supervivência dessa mesma cultura nom pode ser cousa boa

Agora estamos num século novo e necessitamos cada dia mais elaborar um outro discurso sobre o nosso alheio ao lamento existencial , às estratégias defensivas e às integradoras, a isso que Helena Miguélez-Carballeira chama Ideologia da Normalidade e Dani R. Cao Cultura da Autonomia. Nom funcionou, foi um fracasso, e melhor assim: umha cultura cultivada dentro dos limites ideológicos impostos por um poder contrario à supervivência dessa mesma cultura nom pode ser cousa boa.

Em 1922 Manoel Antonio publicou o Manifesto *Máis Alá!* e o seu programa está ainda por fazer. O riangeiro escrevia contra os velhos, nom contra os antepassados, contra os velhos que faziam flores, enxebrismo e doce rural em verso, sim, mas também contra os velhos da cousa reivindicativa. *De catro a catro* foi a demostraçom prática da sua posiçom: a vanguarda em galego. Ele sempre foi estrangeiro na sua terra.

O meu corpo, a minha festa

Alícia Ares

O 28 de Setembro celebra-se como cada ano o dia dos direitos sexuais e reprodutivos. Como todas as datas institucionais realizarão-se toda serie de parafernálias, atos propagandistas e imagens virais que circularam por toda classe de redes sociais. Para quem defendemos os nossos direitos sexuais cada dia não deixa de surpreender-nos como dos mesmos organismos internacionais se nos diz que temos direito “a livre associação sexual”; porém, somos uma fonte de perigo para a saúde pública se temos mais de duas parelhas sexuais em seis meses.

De diversos pontos, entre eles a sanidade ou os poderes legislativos, os direitos sexuais são na prática coutados à livre eleição de maternidade e a prevenção de enfermidades. Com certeza, é essencial poder gozar de pleno direito destes dois ítens, mas acho que do campo da saúde esquecemos que a sexualidade é perante todo prazer, além de uma extrema ferramenta de comunicação entre indivíduos. Vivemos em uma sociedade na qual o (auto)compartilhar erotismo está penalizado, nem se nos ensina a como querer(nos). A educação para a saúde é ante todo formação no auto-cuidado, e este deve ser feminista ou não será tal.

Como pessoa que se reconhece na categoria mulher nego-me a que a minha máxima aspiração no tocante aos meus direitos sexuais seja em não ser violada e em ter direito a um aborto livre e gratuito. Revelo-me a que seja o calendário machista quem marque as minhas exigências, os meus berros. Foi em um destes protestos, organizado pela Plataforma Galega Polo Direito ao Aborto onde pude ler um cartaz: “O meu corpo, a minha festa”. Pessoalmente não podo imaginar uma reinterpretação de Barbara Kruger mas lúcida. Porque a batalha não sempre será festa, mas a festa sempre deve ser uma forma de luta. Este 28 de Setembro, como cada dia da nossa supervivência reivindico o direito ao prazer e à expressão sexual. Imploro pelo direito a ser pele, desbocada, conscientemente caótica, a ser festival de verão, ser corpo, libertada, ceive e louca. Levamos séculos reclamando-nos como seres humanos racionais, o qual é um facto, mas não me interessa esta ração do século XXI que me oprime de igual forma que a histeria do século XIX.

> Levamos séculos reclamando-nos como seres humanos racionais, o qual é um facto, mas não me interessa esta ração do século XXI que me oprime de igual forma que a histeria do século XIX

Como mulheres construídas e atravessadas pela opressão fica aprender a desconstruir-nos na felicidade como reduto de resistência. O nosso contra-poder construirá-se enquanto eles não podam governar a nossa festa.

Porque só desde o prazer lilás do nosso corpo poderemos parir a nossa soberania e independência.

ACONTECE

OS DESPEJOS DE ALUGADOS DUPLICAM AOS HIPOTECÁRIOS

Dos mais de 3.000 despejos que se executárom na Galiza entre o primeiro trimestre de 2013 e o mesmo período de 2014, 2.000 efetuárom-se contra famílias que tinham vivendas em aluguer. Outros 824 despejos devérom-se a execuçons hipotecárias.

12.000 EXPULSONS DESDE O INÍCIO DA CRISE

Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística, Galiza acumula 12.000 despejos desde que no 2008 estoupou a bolha financeira. Os lançamentos superam o milhar todos os anos, tendo o seu pico em 2012 com mais de 3.500.

Despejada umha família de Arins defraudada por um prestamista

A POLÍCIA CARREGOU CONTRA AS SOLIDÁRIAS DE STOP DESPEJOS E DETEU A PESSOA QUE EXERCIA DE NEGOCIADORA

GALIZA CONTRAINFO

NGZ / Era já a terceira tentativa do julgado de despejar à família de Carlos e María da morada que eles próprios construírom em Arins (Santiago). A Plataforma Stop Despejos de Compostela conseguira frear as duas primeiras tentativas em julho, mas no passado 19 de setembro várias dezenas de polícias botavam esta família da sua vivenda apesar das dúzias de ativistas ali concentrados. Um matrimónio com dous filhos menores e umha pessoa maior com mobilidade reduzida ficavam na rua.

Durante o despejo, a polícia carregou duramente contra o grupo de vizinhos e solidários de Stop Despejos (umhas 70 pessoas), deixando várias feridas e realizando algumhas identificaçons. Também houve um detido, a pessoa que exercia como negociadora da família, que foi reduzida polos agentes quando se achegava a interessar-se pola situaçom de umha companheira retida pola polícia. Umha fotógrafa de Galiza Contrainfo foi identificada e ameaçada com ser acusada a posteriori de resistência à autoridade se publicava as imagens da atuaçom policial.

O julgado ordenou o despejo apesar de a família ter interposto umha denúncia por fraude contra o prestamista que agora figura como proprietário da vivenda, o francês Rachid Messaudi. Segundo explicam fontes de Stop Despejos, a família teria chegado até este prestamista quando pendia sobre as suas cabeças um procedimento de execuçom hipotecária por umha dívida com o Banco Santander a que nom podiam fazer frente. Assim, ante o medo a ficarem sem casa, respondérom a um anúncio na imprensa e acudírom a Lugo, onde se encontrava Messaudi, para fechar o trato: o prestamista anula-lhes a execuçom hipotecária com o Santander e, em trocas, eles transferem-lhe a titulariedade da vivenda até poder devolver o dinheiro emprestado.

Na escritura, ante notário, as partes assinam um simples contrato de compra-venda, ficionando o que realmente era um empréstimo. Nele, o especulador comprava a casa por 100.000 euros -40.000 mais do que realmente lhes emprestara- e deixava-lhes a opçom de recompra da casa nos seguintes quatro meses por 150.000 euros.

Ao comprovar que era impossível recomprar a morada nesse período temporal por umha quantidade tam elevada, o prestamista ofereceu-lhes um arrendamento por 500 euros mensais, ficando a opçom de recompra para um futuro indefinido. Ao ficar o pai no desemprego, o abono desta quantidade mensal fai-se impossível, ante o que o prestamista insta no julgado um despejo por impago de rendas de aluguer, visando ficar ele como proprietário do prédio.

É neste ponto em que Stop Despejos promove umha demanda por fraude contra Rachid Messaudi, denunciando a falsidade do contrato de compra-venda e aluguer. Esta demanda caiu na mesa do juíz José Antonio Vázquez Taín, que derivou a instruçom ao julgado de Lugo argumentando que esse era o lugar onde se podia ter produzido o suposto fraude.

A plataforma cívica solicitou ao Concelho de Santiago e à Junta que facilitem o imediato realojamento da família, ante o que nom obtivérom resposta algumha. Segundo explicam os ativistas, unicamente lhes oferecêrom apontar-se numha listagem para o parque de vivendas de proteçom social.

CRONOLOGIA

10.07.2014 / Umhas 200 pessoas manifestam-se em Vigo em solidariedade com a greve de fome de vários sindicalistas para exigir a readmissom de dous operários despedidos da Citröen.
11.07.2014 / Tribunal Supremo confirma a anulaçom do plano urbanístico de Melom.
12.07.2014 / Médicos e químicos representam no Obradoiro de Compostela um "suicídio homeopático coletivo" contra a regularizaçom desta prática polo Ministério de Sanidade.
13.07.2014 / Francisco Méndez, trabalhador florestal, morre enquanto sufocava um incêndio em Eilao. Em Fene, um operário dumha empresa auxiliar de Navantia falece ao cair desde uma coberta.
14.07.2014 / Ourense, Lugo e Ferrol acolhem concentraçons de apoio ao povo palestiniano. Ao dia seguinte, sumam-se outras muitas cidades e vilas galegas.
15.07.2014 / V.F.S. morre em Vilar de Bárrio trás sofrer um acidente com o seu trator.
16.07.2014 / Comuneiros de Salzedo assinam com o Ministerio de Defensa o acordo de cessom dos terrenos à Brilat polo pagamento de quase 130.000 euros anuais à comunidade de montes.
17.07.2014 / Manuel Alberto Borges, trabalhador da louseira Manada Vieja em Casaio (Carvalheda de Val d'Eorras) morre preso baixo um camiom.
18.07.2014 / TSJG rejeita os recursos do PSOE e o BNG contra a designaçom de concelheiros nom eleitos no Concelho de Compostela.
19.07.2014 / Umhas cem pessoas participam na Arenga Política em favor da Soberania da plataforma Galiza pola Soberania em Cangas.
20.07.2014 / Vizinhança de Ber (Ponte d'Eume) manifesta-se para denunciar o abandono do areal da zona.
21.07.2014 / Tribunal Supremo declara o ERE da Deputaçom de Ourense nom ajustado ao direito.
22.07.2014 / Concelho de Lugo eleva os serviços mínimos da greve do lixo ao 100% na limpeza viária e na recolhida de resíduos sólidos urbanos. À noite, ardem um camiom da Urbaser em Vilalva e oito coletores em Lugo.
23.07.2014 / Grávidas protestam pola retirada do parto na água como prestaçom no Hospital Universitário Lucus Augusti.
24.07.2014 / Plataforma Alvia 04155 de vítimas do acidente de Angróis concentra-se no Obradoiro e na Cidade da Cultura para exigirem "verdade,

ABANCA RESTRINGE O DIREITO A SINDICAR-SE DOS EMPREGADOS

A entidade resultante da privatizaçom das antigas caixas galegas vem de pôr em marcha um código de conduta no que obrigam aos trabalhadores a pedir "um permisso prévio" para "a participaçom direta em política, instituiçons públicas ou organizaçons sociais ou sindicais alheias" ao próprio banco.

TEIXEIRO SALTA-SE A CONFIDENCIALIDADE ADVOGADA-CLIENTE

Assim o denunciou Esculca num escrito ao Colégio de Advogados de Ourense. Segundo explica o observatório de direitos humanos, o deficiente estado do áudio dos locutórios de isolamento fijo impossível que o preso de Teixeiro A.R.P. se entrevistasse com a sua advogada nas condiçons de confidencialidade e segurança estabelecidas.

"A desobediência civil é um ato mais para luitar contra esta violência legal instaurada"

ROBERTO RIVAS, BOMBEIRO QUE SE NEGOU A PARTICIPAR NO DESPEJO DE AURELIA REY

VERA-CRUZ MONTOTO / Chegou em bicicleta e aparcou-na diante dos numerosos furgons de Polícia Nacional que vigiavam a concentraçom. Denunciou publicamente a manipulaçom dos atestados policiais, reivindicou a desobediência civil como ferramenta de luita e deixou bem claro que o único terrorismo do que está a ser vítima a dia de hoje a sociedade é o terrorismo de Estado.

Em pouco mais de dez minutos, no passado 4 de setembro o bombeiro Roberto Rivas situou com as suas declaraçons à prensa as peças fundamentais da actual situaçom de repressom policial e administrativa com a que o Partido Popular está tentando afogar os movimentos sociais em todo o Estado.

Está acusado de "alteraçom da orde pública" porque ergueu um cartaz de STOP Despejos: "Nós acedimos ao nosso trabalho para realizar umhas determinadas labores, e entre elas nom está botar a gente das suas casas. Eu queria que todo o mundo o visualizara, por isso colhim o cartaz de STOP Despejos num gesto de apoio também com toda esta gente que está trabalhando a reo a diário."

Mas ele preferiria ter sido multado por "desobediência", por negar-se a cortar a cadeia com a que

VERA-CRUZ MONTOTO

membros de STOP Despejos A Corunha bloqueavam o portal de Aurelia Rey o 18 de fevereiro de 2013, já que, segundo argumenta, isto permitiria "que de umha vez por todas ficasse claro se os bombeiros devemos ir a este tipo de serviços ou nom, porque ainda nom está claro."

Cumpre assinalar que, por se acaso, na Corunha a polícia conta já com umha equipa específica para realizar o "trabalho" que se negárom a fazer os bombeiros. Pugérom-na em marcha oito meses mais tarde, durante o espetacular despregue policial do despejo de Elisabeth Sanlés, no qual após várias horas conseguírom botar abaixo a porta da vivenda. Nessa ocasiom detivérom 6 ativistas de STOP Despejos A Corunha que serám julgadas o vindoiro 20 de outubro.

"A desobediência civil é um ato mais para luitar contra esta violência legal em que estamos instaurados", continuou Roberto às portas do Julgado do Contencioso Administrativo da Corunha onde recorre a multa de 600€ que lhe impujo a Subdelegaçom do Governo. "Há leis que realmente incitam à violência", assinalou en relaçom à legislaçom que ampara a atual vaga de despejos, "a isto eu chamo-lhe terrorismo instaurado polos governos."

Rivas também pediu responsabilidades polos atestados falsos que abundam nas sançons administrativas vinculadas às mobilizaçons sociais -irregularidades que segundo denuncia existem também no seu caso-, assim como a demissom do Delegado do Governo na Galiza, Samuel Juárez, "por fazer umha repressom brutal contra a gente".

Foi precisamente o assinante do seu atestado, o Comissário Chefe da Brigada Provincial da Corunha especialista em operativos antidistúrbios Silverio Blanco, umha das testemunhas que declarárom na testifical. Blanco argumentou sem reparos que se limitara a assinar um atestado escrito por outro polícia. O mesmo agente que declarara também como testemunha uns minutos antes, afirmando que nom sabia como se identificara o bombeiro –nom foi identificado no momento dos feitos- nem quem o ordenara, nom aportando tampouco explicaçom que justificasse que o informe policial no qual se identifica a Roberto Rivas fosse elaborado um mês mais tarde do acaecimento dos feitos.

Dentro de umhas semanas conhecerá-se a sentença. Polo de pronto Roberto, "o bombeiro de Aurelia", nom só conseguiu rachar com a repressom silenciosa que suponhem as sançons administrativas que as distintas Delegaçons do Estado estám a imponher compulsivamente às pessoas que participam en mobilizaçons sociais, senom que também logrou visualizar a desobediência civil solidária como umha estratégia de luita social efectiva, e da que só se pode estar orgulhosas.

CRONOLOGIA

justiça e nom mais mentiras".
25.07.2014 / Tribunal Supremo revoga o falho de 2011 que ordenara paralisar a Ence.
26.07.2014 / Governo de Cangas anuncia que expropriará a antiga baleeira de Massó e estudará fazer o mesmo com a fábrica conserveira.
27.07.2014 / Cozinha Económica de Ferrol anuncia que suprime o serviço a domicílio a 90 usuários pola nom renovaçom do convénio com a Concelho municipal.
28.07.2014 / I.B.T. morre atropelado por um camiom frigorífico enquanto descarregava produtos congelados no polígono da Granja (Porrinho).
29.07.2014 / Vizinho de Paços de Borbém assassina a sua esposa a golpes e depois suicida-se, no quinto caso de violência machista na Galiza no que vai de ano.
30.07.2014 / José Luis Baltar, ex presidente do PP e da Deputaçom de Ourense, inabilitado 9 anos por prevaricaçom. A sentença nom terá efeito ao estar já reformado.
31.07.2014 / Mauritánia obriga a trinta barcos europeus, entre eles nove galegos, a abandonar as suas águas.
01.08.2014 / Pessoal do Hospital do Salnês concentra-se espontaneamente contra o excesso de carga de trabalho.
02.08.2014 / Umhas 200 pessoas rodeiam a praça de touros de Ponte Vedra para reclamar a aboliçom das touradas
03.08.2014 / Inaugura-se em Ventoselo de Beariz (Sam Amaro) o Mosteiro Chu Sup Tsang, o único budista existente na Galiza.
04.08.2014 / Emigrantes retornados do Val d'Eorras concentram-se frente à delegaçom de Fazenda no Barco ao entender que o Goberno nom tivo em conta todas as suas reivindicaçons.
05.08.2014 / Manifestaçom galego-portuguesa percorre a distância entre Monção e Salvaterra de Minho em apoio ao povo palestiniano.
06.08.2014 / Câmara de Deputados argentina aprovar celebrar cada 14 de abril o Dia Nacional do Exiliado Espanhol, a iniciativa do deputado filho de fisterráns Jorge Rivas.
07.08.2014 / Desconvocada trás 59 dias a greve da recolhida de lixo em Lugo, ao chegarem a um pré-acordo Urbaser e os trabalhadores e trabalhadoras.
08.08.2014 / UGT denuncia que a metade dos dependentes reconhecidos na Galiza nom recebe nenhumha prestaçom.

TEIO HOMENAGEIA OS EDIS REPUBLICANOS DESTITUÍDOS NO 36

Passárom 80 anos desde que o golpe de estado fascista expulsou do consistório aos 17 edis republicanos que governavam Teio em 1936. O atual Concelho vem de restituir simbolicamente a estes edis numha homenagem que, segundo o alcaide Martinho Noriega, visou "rachar com os silêncios que se desprendêrom da falta de memória".

11 ANOS DE CADEIA POLA MANIFESTAÇOM DE GALICIA BILINGUE

Seis das onze pessoas processadas polos incidentes acontecidos durante a marcha de Galicia Bilingue em 2009 fôrom condenados a um total de 11 anos e cinco meses de prisom. A sentença, que será recorrida, implicaria a entrada na cadeia de B.M., condenado a um total de 4 anos e 3 meses por desordem pública e atentado.

"Nengumha corporaçom municipal pode legislar por acima dos direitos humanos"

TELMO COMESAÑA, PRESIDENTE DA 'ASOCIACIÓN POLA MEMORIA HISTÓRICA DO 36' DE VIGO

A. LOPES / **No Alcabre, caminho à praia viguesa de Samil, reside Telmo Comesaña, numha casa cuja construçom foi também um dos trabalhos da sua vida. Filho de um militante socialista assassinado no 36, quando ele apenas contava com dous anos de vida, este homem bem conheceu a repressom padecida polas famílias dos 'passeados' que tivérom que sobreviver às duras condiçons económicas e ao escárnio e ofensas dos fascistas. Telmo ajudou muita vizinhança de Vigo a descobrir o que acontecera após o golpe de Estado com os seus devanceiros desaparecidos. Recentemente, um juiz falhava a favor desta associaçom ao instar ao Concelho de Vigo a tomar as medidas necessárias para retirar a 'Cruz do Castro', um monumento aos caídos inaugurado polo próprio Francisco Franco em 1961 que o Telmo nom duvida em qualificar como "umha espada cravada no coraçom de Vigo manchada de fascismo".**

Telmo Comesaña, na direita, é filho dumha vítima da repressom golpista do 36

ZELIA GARCIA

Como recebestes na associaçom a sentença que insta à retirada da 'Cruz dos Caídos' do Castro?

Se levamos o tema aos tribunais era para ganhar. Acolhendo-nos à Lei de Memória Histórica e tendo em conta que esse monumento foi umha homenagem aos caídos 'por dios y por la patria' e à Divisom Azul (ao pé dali estava a praça da Divisom Azul), levamos o tema ao julgado porque o Concelho nom respondia ao que nós pedíamos. Entom apresentamos denúncia por umha falta aos direitos fundamentais e, ao mesmo tempo, para derrubar a cruz. O juiz desde um primeiro momento obrigou ao Concelho a dar contestaçom. Isto passou ao Tribunal Superior de Justiça da Galiza que corroborou o que dixo o de Vigo. Sobre o derrube da cruz manifestou-se agora o juiz, o qual nos solicitara o informe pericial de um historiador, que foi Xosé Ramón Rodríguez Lago, especialista em temas da Igreja.

> "Caballero chegara a um acordo com o bispo para manter a cruz do Castro"

Contábades com a possibilidade de recurso a esta sentença por parte do Concelho?

Tendo em conta a personalidade do alcalde Abel Caballero sempre tivemos em conta as duas possibilidades: a retirada da cruz ou obrar pola via da loucura e recorrer a sentença. Em maio de 2010 apresentamos em registo 4.046 assinaturas para pedir o derrube da cruz e nelas havia pessoas que estavam no Concelho com Caballero. Antes pediam o derrube da cruz mas agora pedem outra cousa. Caballero dixo que vai recorrer mas ainda nom temos notícia de que o figesse. Tem um prazo de 15

CRONOLOGIA

09.08.2014 / Vizinhança de Carmés (Vimianço) concentra-se contra o feche da escola unitária.
10.08.2014 / SomosCedeira e Adega mobilizam-se contra o deterioro da praia da Madalena e a proposta de atuaçom de Costas.
11.08.2014 / Aparece o manifesto 'Maré de Vigo' para impulsar umha candidatura cidadá para as eleiçons municipais.
12.08.2014 / Pessoal do Complexo Hospitalário Universitário de Vigo denunciam ameaças da direçom para acabarem com as protestas.
13.08.2014 / Polícia Local de Sam Genjo retira cartazes de denúncia de SOS Panadeira contra o pantalám do Náutico trás afirmar o Concelho que era necessário eliminar a "publicidade" que afetava visualmente a zona.
14.08.2014 / E.S., preso da Lama, começa greve de fome contra os maus tratos e torturas às pessoas reclusas no módulo de isolamento.
15.08.2014 / Confraria de Lage concentra-se para reclamar um porto mais seguro.
16.08.2014 / Plataforma Ouro Nom manifesta-se em Tápia (Eu-Návia) contra o projeto da Asturgold de explorar o jazigo de ouro de Salave.
18.08.2014 / Sindicatos denunciam que o Hospital Geral de Vigo despediu umha trabalhadora por estar grávida.
19.08.2014 / Fábrica de Monte Kalamua no polígono de Sam Cristovo (Riba d'Ávia) inicia greve para reclamar quatro meses de salários impagados.
20.08.2014 / Gadeiro da Sionlha (Compostela) recebe proposta de sançom de 750 euros da Concelho municipal por as suas vacas defecarem numha via agropecuária.
21.08.2014 / Mobilizaçom da vizinhança dos Peares obrigam Gas Natural Fenosa a realizar as obras de ampliaçom da barragem de noite para nom cortar o aceso entre as duas partes da aldeia.
22.08.2014 / M.G.R., operário dumha granja avícola, morre em Carral preso na empacotadora que estava a utilizar.
23.08.2014 / Só 18 pessoas participam na marcha reivindicativa para exigir o reinício das obras da autoestrada da Costa da Morte.
24.08.2014 / Angela Merkel e Mariano Rajoy reúnem-se em Santiago de Compostela. A sua visita provoca numerosas protestas.
25.08.2014 / Vizinho de Barro assassina Mónica Lorenzo,

A CADEIRA DE RODAS NOM ENTRA NO PAÇO DE MEIRÁS

O guia que conduz as visitas ao Paço de Meirás, ainda propriedade da família Franco, impediu-lhe o acesso a Ángel Miramontes. O motivo? A cadeira de rodas com a que esta pessoa tem que desprazar-se poderia estragar o cham de parquê, polo que o monitor da atividade só lhe permitiu passeiar polos jardins e visitar a capela.

200.000 EUROS PÚBLICOS PARA 'LA VOZ' E 'EL CORREO'

Apenas três meses depois da demissom de Ángel Curras pola trama Pokémon e a instituiçom do alcaide Agustín Hernández e de vários edis nom eleitos, a Junta de Galiza injetou 200.000 euros aos jornais *La Voz de Galicia* e *El Correo Gallego*, visando "enxalzar" a imagem de Compostela nesses diários.

dias. É umha senrazom. Ele figera público que chegara a um acordo com o bispo anterior de retirar as placas que havia nas Igrejas, ainda que nom estám todas retiradas pois em Coruxo fica um baixorrelieve, e que quedara a 'Cruz do Castro'. Bem, a Cruz do Castro nom é umha cruz, é um monumento ao fascismo e ao nazismo. Caballero mentiu e se pujo a dizer que era umha simples cruz e que em Vigo nom havia nenhum símbolo franquista. Mas ainda há símbolos franquistas em Aduanas, na Autoridade Portuária, no Instituto Santa Irene... e no frontispício dumha fonte no Castro, em que há um soldado, um homem da Marina e um 'aguilucho'. Caballero semelha que agora calou. Se tinha um acordo com o bispo agora tinha a oportunidade de dizer que lhe obrigava a justiça.

Caballero, militante do PSOE, apoiava-se num acordo do Concelho de Vigo de 1981 para fazer da cruz do Castro um monumento que inclui-se os mortos dos dous bandos da Guerra Civil...
Apoia-se numha estupidez total, em que em 1981 houve um acordo plenário para sacar-lhe os símbolos falangistas e entom declará-la umha homenagem a todos os mortos da Guerra Civil. Sim que se fijo isso mas nom exactamente. Naquela primeira corporaçom da democracia havia três homens do PC que sim estiveram de acordo em sacar os símbolos, pois já no ano 79 eles pediram derrubar esse monumento e Manuel Soto, que era o alcalde, deixou correr o assunto. Em 81 estivérom de acordo com a retirada dos símbolos. Mas depois a questom foi nomear isso como homenagem a todos os mortos da Guerra Civil e pôr umha placa, e aí nom estivérom os três do PC. Ademais passa umha cousa: na Constituiçom Espanhola determina-se a adequaçom à carta internacional dos Diretos Humanos e entre outras cousas a carta de Direitos Humanos di que nom se podem juntar vítimas e vitimários. Como se pode dizer que isto é umha homenagem a todos? Como vai estar o meu pai representado ao lado de um fascista? Nenhuma corporaçom, nenhum alcalde, nenhum parlamento pode legislar por acima dos direitos humanos. Portanto é completamente ilegal o acordo de 1981.

> "Se a Lei de Memória História nom anula os juízos sumários ficamos como estávamos"

Que dados aportou o relatório pericial que fôrom relevantes para o procedimento judicial?
Rodríguez Lago botou mao dos livros da época e posteriores, das hemerotecas, dos arquivos dos museus... e fai umha comparaçom. O que se vê é que, na sua atividade, Falange estava a utilizar símbolos de muita força passada: colheu as frechas e mais o jugo dos reis católicos e colhe a cruz também como símbolo. O Vaticano nom estava de acordo com isto e houvo grandes polémicas, mas a Igreja espanhola pujo a cabeça debaixo da asa porque Franco deixara todo o país para eles. O que era bispo aqui daquela, frai José López Ortiz, que depois foi para bispo castrense e foi um dos fundadores do Opus Dei, sim estivo na bençom da cruz do Castro. Rodriguez Lago fai essa distinçom: a Igreja oficialmente nom estava de acordo porque Falange estava a utilizar um elemento próprio da Igreja em favor de umha ideia política. E essa utilizaçom continua a fazer-se hoje.

Ato celebrado em 2010 pola memória histórica e a retirada da Cruz do Castro
ZELIA GARCIA

O recurso contencioso-administrativo apresentado pola associaçom que deu lugar a esta sentença apoia-se também na Lei de Memória Histórica aprovada durante o governo de José Luis Rodriguez Zapatero, mas também vos tendes mostrado críticos com esta lei. Qual é a análise que fazedes da mesma?
Essa lei nasceu já mal e depois os gurus do socialismo pugérom-na pior. Houvo umhas setenta associaçons que nom quigemos essa lei, pois é umha lei sem articular e nom anula os juízos sumários. Nos nossos estatutos figura recolher todos os atos criminais desde o 36 até o 75, a anulaçom os juízos sumários e ajudar a todas as pessoas que estivessem a procurar os seus seres queridos. Se a lei nom recolhe que se anulem os juízos sumários ficamos como estávamos, pois nom se pode consentir que um homem seja condenado a morte por rebeliom militar sem ser militar. O novo Estado incautou-se de todo e de todos esses roubos nom se devolveu nada. Apenas a UGT e o PSOE recuperaram as suas propriedades. Acontece que se se anulam os juízos sumários todo isso vem abaixo e nom há mais remédio que devolver todo, como fixo Alemanha. Podia-se pôr um prazo amplo de anos, mas nom se fixo nada. O PSOE amarrou o dele e nada mais. Isso nom tem nome.

A atividade da vossa associaçom tem chocado nalgumha ocasiom com o Concelho de Vigo, cujo alcalde alardea nos meios de homenagear as vítimas do 36?
Sim que chocamos. Abel Caballero é um mentiroso profissional. Emprega a política do 'estás comigo ou estás contra mim'. Em 2009 assinalamos lugares de memória e quigemos colocar umha placa no cemitério de Pereiró com as últimas palavras de Heraclio Botana, fundador da UGT e concelheiro polo PSOE, indicando que naquele cemitério enterraram uns 740 mortos. Dêrom-nos autorizaçom mas uns dias antes quitáromno-la. Logo, deixavam-nos pôr a placa numha esquina, no chao. Nós figemos em Pereiró o ato programado, ao que viu a polícia dizendo-nos que estavam ali para proteger-nos. Há uns anos quigemos assinalar como lugar de memória o MARCO, anteriormente umha cárcere em que houve juízos sumários e mortes. E nom nos deixou ponher ali a placa. Também queremos assinalar a Porta do Sol, onde no 20 de julho houvera as primeiras mortes.

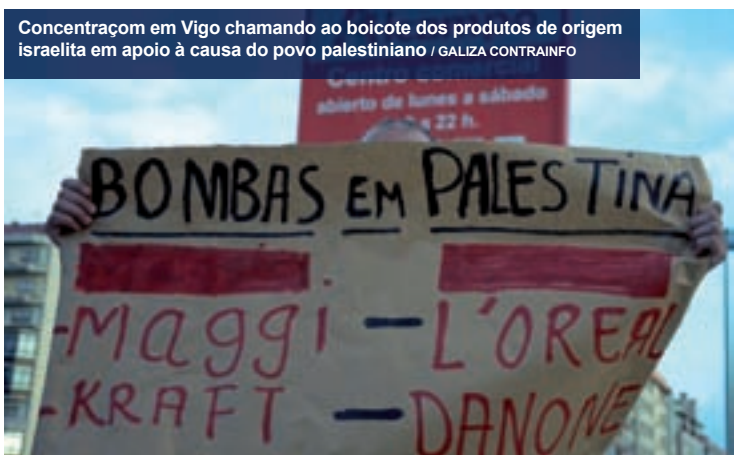
CRONOLOGIA

com quem estava casado, e depois suicida-se, na sexta morte por violência machista no 2014 na Galiza.
26.08.2014 / Sonia Figueroa, de Chantada, em estado grave após ser baleada pola sua parelha sentimental.
27.08.2014 / Vertedura mata um cento de peixes no rio Louro ao seu passo por Porrinho.
28.08.2014 / Assinantes do manifesto Somos Maioria anunciam juntas para promover "candidaturas de unidade cidadá" em Vila Garcia, Noia e Ourense.
30.08.2014 / Apresenta-se Maré Ponte Vedra como alternativa cidadá para a alcaldia da cidade.
31.08.2014 / Partido Popular abre o curso político em Soutomaior.
01.09.2014 / Comité de Povisa denuncia que a empresa despediu 12 trabalhadores alegando remate do anterior concerto económico com o Sergas.
02.09.2014 / Uns 50 pensionistas retornados manifestam-se em Compostela para reclamarem a devoluçom do "roubado" por Fazenda.
03.09.2014 / Cria-se associaçom para reclamar usegundo pediatra em Cee e Corcubiom.
04.09.2014 / Achado perto do Cabo Ortegal o cadáver dum homem com o facto dumha companhia japonesa de transporte marítimo.
05.09.2014 / Vizinhança de Coira (Ames) concentra-se contra o traçado dumha linha de alta tensom para abastecer ao TAV.
06.09.2014 / Julgado ordena retirar a cruz do monte do Castro em Vigo por tratar-se dum símbolo franquista.
07.09.2014 / Amigos da Terra denuncia umha nova vertedura de águas residuais ao rio Barbanha em Ourense.
08.09.2014 / Associaçom de afetados pola ampliaçom da AP-9 por Redondela e Rande celebra assembleia em Vigo.
09.09.2014 / Concentraçom denuncia frente ao Concelho de Compostela a inaçom do PP contra a violência machista.

CRÓNICA GRÁFICA

As IV Olimpiadas Populares Galegas celebrárom-se no Rosal e contárom com a participaçom de mais de cem atletas / GALIZA CONTRAINFO

Concentraçom na Corunha. Coletivos feministas denunciam que a violência contra as mulheres deixou sete vítimas na Galiza em 2014 / GALIZA CONTRAINFO



Concentraçom em Vigo chamando ao boicote dos produtos de origem israelita em apoio à causa do povo palestiniano / GALIZA CONTRAINFO

Palestra na Corunha da mae de Alfon, jovem madrileno a quem a Fiscalia pede penas de prisom por participar numha greve geral / VERA-CRUZ MONTOTO

Umha nova mobilizaçom unitária das juventudes independentistas tomárom as ruas de Compostela na víspera do 25 de julho / GALIZA CONTRAINFO

Naçons Unidas reclama compromisso com as vítimas do franquismo

A LEI DE AMNISTIA INCUMPRE PACTOS INTERNACIONAIS

NGZ / O relator especial das Naçons Unidas sobre a promoçom da verdade, a justiça, a reparaçom e as garantias de nom repetiçom, Pablo de Greiff, apresentou no Conselho de Direitos Humanos da ONU a sua exposiçom sobre o Estado espanhol, em que se analisa o abandono institucional das vítimas da repressom franquista.

Assim, no seu relatório de Grieff expom que, por um lado, existe umha administraçom que se mostra convencida de que se efetuou umha reparaçom das vítimas, enquanto entre este coletivo se sentem insuficientemente reconhecidas. O relator qualifica tal brecha de "preocupante" e insta ao Governo espanhol a "mostrar um compromisso decidido do Estado por dar-lhe vigência plena, com caráter prioritário, aos direitos à verdade, à justiça, à reparaçom e às garantias de nom repetiçom". O relatório também insta ao Governo a estabelecer um mecanismo oficial dedicado a "atender de forma urgente as demandas das vítimas em termos de verdade".

O relator Pablo de Grieff visitou o Estado espanhol em janeiro e fevereiro deste ano, reunindo-se com associaçons de memória histórica, membros do Governo e representantes da judicatura, entre outros. Produto desta visita é o atual relatório, no qual saúda iniciativas como *Nomes e Voces* promovida pola Universidade de Santiago de Compostela enquanto se mostra crítico com a atitude institucional com as vítimas do franquismo.

O relator especial da ONU, Pablo de Greiff

Formaçom do funcionariado

Entre as matérias pendentes que expom De Grieff está a formaçom do funcionariado espanhol na matéria de direitos humanos, nomeando especialmente os componentes do poder judicial e das forças de seguridade, polo que chama a fortalecer tal formaçom incluindo "o estudo das responsabilidades das instituiçons do Estado nas violaçons graves dos direitos humanos e do direito humanitário" durante a Guerra Civil e o franquismo.

De Grieff mostra-se mui crítico com como se está a aplicar a Lei de Amnistia de 1977 para impedir o julgamento de crimes cometidos polo funcionariado durante a ditadura franquista. O relator especial da ONU lembra no articulado do seu relatório a incompatibilidade dos efeitos que está a ter esta lei com o Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos, ratificado polo Estado espanhol em abril de 1977. Assim mesmo, reitera que o estándares internacionais declaram a imprescritibilidade dos delitos de lesa humanidade.

Um verao de 'globos-sonda' e decretos governamentais

NGZ / Os meses de verao estám a se converter num período de atividade legislativa e debate de propostas de calado, coincidindo com a etapa do ano em que a populaçom menos atende ao agir político. Durante todo este verao estivo convocada umha alerta feminista para dar resposta à aguardada aprovaçom polo Conselho de Ministros do projeto da Lei do Aborto, trámite que o ministro Ruiz-Gallardón assegurara que se ia produzir antes de rematar a estaçom mas que finalmente semelha estar esquecido.

Também neste verao se iniciárom os 'globos-sonda' sobre umha futura reforma eleitoral que procura eliminar legalmente os governos de coligaçom.

Mas nom som apenas debates ou previsons incumpridas. Este verao foi aproveitado polo Governo espanhol para promover novas medidas económicas e privatizaçons. Deste modo, em julho publicava-se no BOE o real decreto 8/2014 de aprovaçom de medidas urgentes, o qual modifica dúzias de leis, sendo depois da sua entrada em vigor a sua votaçom no Congresso dos Deputados. Para mais, na última semana de agosto era convocada a Comissom de Economia do Congresso para aprovaçom do projecto de lei produto deste decreto, o que, segundo denunciam porta-vozes da oposiçom, impediu o seu ajeitado debate polos grupos parlamentares. O dito decreto regula a privatizaçom parcial de Aeropuertos Españoles y Navegación Aérea (Aena), a cessom do registo civil aos registadores da propriedade ou a ampliaçom de horários comerciais.

MAR

30.000 pessoas na corda bamba

Setor marisqueiro e bateeiro afrontárom um verám difícil a somar à listagem de problemas e obstáculos que se acumulam ano trás ano

A.DIESTE / O mar já nom é aquela fonte de riqueza que fora noutrora. Mesmo, e nalguns setores como o da mariscadora a pé, já nom é um emprego que garanta manter umha família. "As cousas fôrom da frigideira para o fogo. E do fogo vinhérom à Galiza" ironiza María Xesús Dios, mariscadora arouçá. "Baixar à seca para estragar o lombo com a água até os cadris e sacar para pouco mais para pagar o seguro... pois nom compensa, nom". Os setores do mar estám-nas a passar difíceis. E dous deles, o marisqueiro e o bateeiro, vendo como o último fenómeno da maré vermelha acabou por pôr o ramo a umha campanha má.

Segundo os cálculos tirados dos próprios dados da Conselharia do Mar, a faturaçom em primeira venda veu-se abaixo na Galiza em 2013. Quase 47 milhons de euros menos do que no exercício anterior. Dessa cifra, uns 27 milhons de 'perdas' procedem das quedas em pesca extrativa e 19,5 milhons do mexilhom, produto em que Galiza luita por se manter como referente mundial contra marés vermelhas, competência ilegal e desleixo da administraçom.

A forte incidência deste episódio de maré vermelha mantivo fechadas até 95% das bateas existentes na Galiza (mais de 3.200) e estendeu-se a outros bivalvos, os dos bancos marisqueiros, em determinadas rias. "Maré vermelha houvo-a sempre, mas nom tam intensa. Pechou quase todos os polígonos e ameaçava com deixar os mercados sem produto", reconhecem das diretivas das associaçons de produtores de mexilhom. "E esta chega num momento difícil porque levamos anos de perdas, de ver como se vende mexilhom de fora como galego, de temporais que botárom a perder a colheita...", reflite A. Pose desde o Barbança.

Galiza é o primeiro produtor de mexilhom para consumo humano. Fora do mercado estatal, som a França e a Itália os seus principais clientes. Mália que a Bélgica é a principal consumidora deste molusco, importa-o da Holanda. Nestes anos houvo denúncias públicas de que o mexilhom galego estava trás de intoxicaçons de pessoas na Itália e na França, sem que finalmente fosse o bivalvo cultivado nas nossas rias o responsável. "Som manobras para botar-nos dos mercados", opina José M. Ordóñez.

O malestar entre os produtores vem de que estám a passar uns anos duros. De queda de preços até perda de produçom polos temporais. Da implosom das tentativas de unir o puzzle de organizaçons bateeiras até a substituiçom do mexilhom galego polo estrangeiro (chileno sobre todo, muito mais barato) importado por conserveiras galegas para vendê-lo como de aqui. Dificuldades acumuladas umha sobre outra que levárom a umha imagem que até há uns anos seria impensável nas Rias Baixas: vendas de bateas a preços 'acessíveis'. "Isto podia ser um negócio de futuro que deixar aos filhos, do qual se podia viver bem, trabalhando, fazendo as cousas como as há que fazer.... mas agora, já nom sei", duvida José Dios.

AGRO

Crescem os exemplos de boa gestom dentro dos montes vizinhais

Monte vizinhal e dinamizaçom rural: a Comunidade de Montes de Paranhos

POSTA EM VALOR DO PATRIMÓNIO CEREIRO DO COVELO, NA COMARCA DA PARADANTA

DAMIÁN COPENA / **Galiza conta com umha estrutura de propriedade singular e mui diferente à existente noutros países europeus. Umha grande parte do seu território, por volta de 700.000 hectares segundo os dados do governo galego, é monte vizinhal em mao comúm. Esta propriedade vizinhal, organizada em assembleia, tem umha legislaçom específica que lhe outorga umhas caraterísticas diferenciadoras que som alheias à racionalidade capitalista convencional (inalienabilidade, indivisibilidade, inembargabilidade e imprescritibilidade) e que possibilitam que as Comunidades de Montes podam ser agentes de mudança social no rural galego.**

Centro de Interpretaçom da Ceraria de Paranhos

Dentro das Comunidades de Montes Vizinhais em Mao Comúm (CMVMC) podemos atopar casuísticas diversas, existindo muitas comunidades mal geridas ou sem manejo dos seus recursos. Sem embargo, cada vez som mais numerosos os exemplos de boa gestom dentro dos montes vizinhais. Umha parte importante das iniciativas dinamizadoras das comunidades de montes que se estám desenvolvendo na atualidade tratam de vincular-se a um modelo de gestom em que prevalece umha visom multifuncional do monte na qual é preciso compatibilizar a funçom económica, a ambiental e a social do recurso, tratando de que exista um equilíbrio entre as três funçons. Dentro deste modelo de gestom da propriedade comunitária estám aparecendo iniciativas que tentam pôr em valor os recursos patrimoniais e ambientais existentes no monte ou nas paróquias onde se localizam.

Um bom exemplo de CMVMC que trata de dinamizar o seu entorno empregando de jeito sustentável os recursos próprios é a CMVMC de Paranhos, localizada no concelho do Covelo (Pontevedra). A Comunidade de Montes de Paranhos tem realizado várias iniciativas relevantes como a criaçom do roteiro do Xabrinha que integra e introduz no seu percorrido diversos elementos patrimoniais, principalmente moinhos e infraestruturas apícolas tradicionais. Porém, a experiência mais singular da CMVMC de Paranhos é a vinculada directamente com o património material e imaterial apícola cereiro. A Comunidade decidiu em assembleia desenvolver um projeto para compilar, estudar e pôr em valor o património apícola vinculado ao ofício da ceraria tradicional na paróquia de Paranhos e no concelho do Covelo. Este projeto vem propiciado pola existência de importante património material apícola cereiro em Paranhos e na paróquia limítrofe da Lamosa que dá conta da importáncia que tivo a ceraria neste lugar, tal e como acreditam as referencias existentes no Catastro de Ensenada e noutros documentos históricos.

> No sul europeu há poucos lagares de cera como o de Paranhos

Deste jeito, a CMVMC tem criado o Centro de Interpretaçom da Ceraria de Paranhos, reabilitado o lagar da cera de Paranhos e posto em valor outro património cereiro tradicional como curadoiros ou eiras de cera e pias de branqueo.

Lagares, eiras da cera e ceraria tradicional

Apenas existem no sul de Europa uns poucos exemplos de lagares da cera como o de Paranhos. Os lagares da cera som construçons semelhantes aos lagares de vinho, mas com umhas diferenças específicas derivadas do produto a prensar (os restos dos favos das abelhas depois da castra). Assim, o lagar da cera de Paranhos conta com umha trave de quase sete metros, mas também com unha caldeira para ferver os favos e com um sistema singular de pias onde por densidade se separa a cera das abelhas da água e das impurezas. Além do lagar, outro dos elementos patrimoniais postos em valor pola CMVMC de Paranhos som os curadoiros ou eiras da cera que se empregavam para branquear a cera mediante a açom do sol.

Em Paranhos, em apenas unhas dúzias de metros, podemos conhecer o ofício tradicional dos cereiros e das cereiras, começando polo lagar da cera, continuando na eira da cera e na pia de branqueo e rematando no Centro de Interpretaçom da Ceraria de Paranhos. Este espaço, que imita um obradoiro cereiro tradicional e que conta com peças originais cedidas polos vizinhos e as vizinhas de Paranhos, foi desenvolvido comunitariamente e é o único centro específico existente sobre a matéria na Península Ibérica.

Desde a inauguraçom do complexo cereiro em 2012, festejada com umha exibiçom da elaboraçom tradicional de candeas e umha lagarada cereira, tanto o lagar como o Centro de interpretaçom, geridos pola CMVMC de Paranhos, estám abertos e recebem as visitas de grupos e das pessoas interessadas.

Em definitiva, os vizinhos e as vizinhas que fam parte da CMVMC de Paranhos estám recuperando e valorizando um ofício tradicional e tratando de melhorar o seu presente pondo em valor o seu passado. A vizinhança de Paranhos, organizada na Comunidade vezinal está possibilitando que nom esmoreça o seu património, dinamizando a economia local e permitindo que os visitantes podam desfrutar dum conjunto patrimonial único e surprendente.

Para ampliar a informaçom pódese visitar a web da Comunidade de Montes: *http://www.montesparanhos.com/*

ECONOMIA

O aumento da ocupaçom nom impede que diminua o total de horas trabalhadas em todo o estado

As chaves do PP para criar emprego por primeira desde o início da crise

TRABALHOS MAIS PRECÁRIOS E PIOR PAGOS GANHAM PESO NO MODELO LABORAL ESPANHOL

RAUL RIOS / **"A economia cria emprego anual por primeira vez desde 2008 e reduz o paro em 310.400, um record histórico". Era o titular do comunicado em que o Ministério de Economia dava conta dos novos dados do Inquérito de Populaçom Ativa (EPA) para o segundo trimestre deste ano. O tom trunfal nom era para menos: o Estado espanhol lograva aumentar o seu número de ocupados dum ano para outro por primeira vez desde o início da crise. Já nom era a típica suba estival explicável polo turismo. Que o paro registado voltasse a aumentar novamente em agosto nom é motivo para passar por alto a primeira suba interanual de emprego em mais dum lustro. Para o ministério os dados evidenciam "melhoras importantes no mercado de trabalho" e revelavam "que a recuperaçom económica já está a ter impato na criaçom de emprego". As cifras parecem apoiar a tese da "saída da crise", já aceitada também pola maioria de meios de comunicaçom. Estamos ante o trunfo das políticas neoliberais e das últimas reformas laborais ou há outro fenómeno que explique esta inusitada criaçom de emprego por primeira vez em seis anos?**

O ministério di a verdade no que aos dados de ocupaçom se refere. Tomando de referência o segundo trimestre de 2014 com respecto ao mesmo período de 2013, contabilizam-se no Estado espanhol quase 200.000 ocupados mais (de 44,36 a 45,04%); enquanto o número de parados desceu em mais de 400.000 (de 26,96 a 24,47%), afastando-se assim do teito psicológico dos 6 milhons de desempregados para passar aos 5,62 milhons.

O galego é um caso à parte. Apesar de reduzir o paro em 6.000 pessoas (de 22,41 a 22,29%), também baixou a ocupaçom em quase 14.000 (do 42,17 ao 41,85%), fenómeno que se explica porque o país continua a perder populaçom ativa: os galegos envelhecem, emigram ou deixam de procurar emprego ante a falta de espetativas.

> Um de cada quatro contratos tem umha duraçom de 7 dias ou menos

Menos horas e mais baratas

O que se agocha trás os grandes titulares e as efusivas declaraçons do Governo? Na mesma EPA recolhe-se um dado fundamental para entender este movimento do mercado de trabalho: o total de horas efetivas semanais trabalhadas por todos os ocupados. Assim, comprova-se que a quantidade de total de horas de trabalho desceu apesar do aumento no número de empregados.

Se no segundo trimestre de 2013 o conjunto de ocupados do estado trabalhava mais de 581 milhons de horas à semana; no mesmo período de 2014 esta cifra nom chegava aos 578 milhons de horas: 3 milhons de horas menos cada semana. Por outras palavras, se no segundo trimestre de 2013 cada ocupado tinha umha jornada de 35,6 horas semanais (na meia), nos mesmos meses de 2014 a jornada só durou 34,9 horas à semana. Este dado vem evidenciar que, apesar do aumento de trabalhadores indefinidos e a jornada completa, no modelo laboral da crise estám a ganhar cada vez mais peso os trabalhos de menos horas.

E nom só ganham importância os trabalhos de menos horas, senom que essas horas som cada vez pior pagas. Atendendo ao Inquérito de Custes Laborais, no início de 2014 (último dado disponível) cada trabalhador do estado resultava 6 euros mais barato para as empresas do que um ano atrás (8 euros na Galiza), apesar de que o tempo meio de trabalho aumentara meia hora semanal naquel trimestre. O que aconteceu? A hora de trabalho resultou 34 céntimos mais barata para os empresários, umha quantidade que semelha cativa mas que denota a tendência de perda salarial. Na Galiza, onde cada trabalhador custa às empresas 300 euros menos do que no estado, a Junta aposta abertamente em procurar a "contençom" dos salários para elevar a "competitividade" do país e "fechar a fenda entre oferta e procura de mao de obra" (relatório de estratégia económico-financeira para 2015).

SONIA DAPONTE

Mas a realidade é que a eufemisticamente denominada "contençom salarial" já se está dando e, contra o que rezam o Governo e a Junta, nom está a impedir que cada vez se demandem menos horas de trabalho. Segundo a teoria neoliberal manejada polo PP, uns salários mais baixos implicariam necessariamente um maior nível de emprego, em virtude da lei de oferta e procura. Mas esse discurso nom se adapta a umha realidade na que se cobra menos e, porém, também se trabalha menos.

A Espanha dos 'mini jobs'

Contratos temporais, de menos horas de duraçom e pior pagos. Som os chamados *mini jobs*, muito extendidos por Alemanha e outros países europeus. Este modelo de trabalho permite melhorar os dados do paro a custa da precarizaçom: ainda que haja menos carga de trabalho a nível global, esta carga é repartida entre mais trabalhadores -tocando cada um, obviamente, a umha parte menor dessa carga. O resultado som contratos dumha semana de duraçom, trabalhos por obra que apenas duram um mês e meio e constantes períodos no paro entre um emprego e outro. Viver ao dia, esperando que haja sorte e saia um novo *mini job* para quando remate o atual.

> A Junta receita baixar ainda mais os salários para criar postos de trabalho

O Estado espanhol está assentando um modelo no que este tipo de emprego precário ganha cada vez maior importância. Além do descenso da jornada laboral e da baixada de salários, os contratos assinados no estado tenhem cada vez menor duraçom. Segundo o Serviço de Emprego Público Espanhol (SEPE), na primeira metade deste ano (até julho), um de cada quatro contratos assinados no estado tinha umha duraçom inferior a 7 dias. Na antesala da crise, em 2007, isto só acontecia em 15 de cada 100 contratos. Mas os trabalhos dumha semana nom som os únicos que ganham terreno. Se antes da crise os contratos com duraçom inferior a um ano representavam metade do total, este ano já suponhem 55%, confirmando a tendência cara umha maior temporalidade.

Como contrapartida lógica ao aumento de contratos temporais, caiu a proporçom de contratos indefinidos, sendo cada vez menos habituais no mercado laboral espanhol. Se antes da crise supunham 12% do total dos que se assinavam, este ano apenas 8 de cada 100 contrataçons fôrom indefinidas. Os dados para Galiza som ainda piores: só 5 de cada 100 contratos fôrom indefinidos, enquanto os outros 95 levavam data de caducidade.

A TERRA TREME

"Conheço muita gente que, sem estar a prol da independência, saiu à rua para pedir o referendo. Isso é o importante"

CARME GARCÍA E SUSANA MONTESINOS SOM PORTA-VOZES DA ASSEMBLEA NACIONAL CATALANA NA GALIZA

"O Tribunal Constitucional nom tem legitimidade democrática ante Catalunha"

RAUL RIOS / **Semelha que o relógio conta cada vez mais rápido segundo nos vamos achegando ao 9 de novembro, a data que pactuou o Parlament catalám para realizar a consulta soberanista. Pola sua banda, o Governo espanhol continua negando o direito a decidir com a Constituiçom na mao, chegando a ameaçar com o ingresso em prisom do presidente Artur Mas ou com a suspensom da Autonomia catalá. No entanto, os partidários da consulta fam caso omisso dos avisos de Madrid e buscar a maneira de que seja a cidadania quem tome a decisom. A Assemblea Nacional Catalana, o principal organismo da sociedade civil que trabalha neste sentido, vem de formar a sua agrupaçom na Galiza. Centrando o seu discurso no direito a votar, as porta-vozes da ANC-Galiza Carme Garcia e Susana Montesino, evitam adiantar acontecimentos e responder às perguntas sobre o futuro Estado Catalám. É possível umha soberania real dentro da Uniom Europeia? Como será o novo modelo de estado? Em qualquer caso, asseguram, estám ante a possibilidade de construír um novo estado a partir de zero. Se a gente sabe que tem o poder, todas as oportunidades estám abertas.**

Ante a massiva participaçom na Diada, com perto de dous milhons de manifestantes, o governo espanhol optou por endurecer o seu discurso no canto de abrir qualquer tipo de diálogo. O ministro Margallo mesmo ameaçou com aplicar o artigo 155 da Constituiçom e suspender a Autonomia.

Carme García: Para nós nom mudou nada. O Governo segue na mesma postura do nom enquanto nós seguimos na do sim, na de que a gente deve poder votar. Cada vez fica mais claro que isto da democracia é algo com o que se lhes enche a boca quando lhes convém, mas quando nom lhes convém é ilegal. Que há mais democrático que perguntar à gente? Barbaridades durante todo o processo desde Madrid se dixerom muitas. Estas som mais algumhas. Nom sei como ainda nom se dam conta de que a gente já nom se amedrenta com a ameaça, de que isso de "que vem o lobo" já nom assusta ninguém.

Que cenário deixa a ilegalizaçom da consulta por parte do Tribunal Constitucional?

CG: Há que ver o que fai o governo catalám, mas a postura da ANC é clara: seguiremos luitando para poder votar. Pode que o governo de Mas decida fazê-la malia todos os pesares ou frear-se ante o constitucional; mas o que percebe todo o mundo é que se nom há nengumha forma legal de fazê-la, o Govern vai optar por convocar eleiçons plebiscitárias.

E que pode acontecer nessas eleiçons? Se atendemos aos inquéritos, CiU pode perder.

CG: Persoalmente, acho que nom lhes convém. Apostárom muito no referendo e, se agora nom se fai, é muito provável que ERC lhes passe por diante. Penso que o senhor Mas e o seu governo farám toda a pressom que podam para fazer a consulta e evitar umhas eleiçons antecipadas. Semelha que é a primeira vez que a sociedade civil pujo em jaque dous governos, a Generalitat e o central.

Susana Montesinos: A consulta está aprovada no Parlament e há um pacto que abrangue de CiU até partidos como as CUP. Esse pacto deve ser inquebrantável; senom seria umha fraude para o movimento cidadám que há detrás.

> "Quando interessa e há vontade política, o quadro jurídico pode reformar-se"

Em caso de haver eleiçons plebiscitárias, qualquer Govern saído desses comícios ia-se topar com o mesmo muro jurídico do Estado espanhol que impede abrir um processo de independência sob qualquer fórmula. Que se pode fazer quando a legitimidade democrática choca contra um quadro legal concreto?

SM: Falas de legitimidade democrática. O TC espanhol nom tem nengumha legitimidade democrática ante Catalunha porque essa consulta está aprovada no Parlament dum jeito democrático.

CG: Com eleiçons plebiscitárias o que se quer desenhar é quanta gente quer a independência, se realmente há umha maioria. Os passos a dar por esse futuro Govern já se veriam.

Mas sempre vai haver um choque com o quadro jurídico estatal.

CG: Eu acho que nom. Quando lhes interessa, o quadro jurídico retoca-se, interpreta-se doutro jeito, reforma-se... Contra o que se choca realmente é com a falta de vontade.

SM: Coloco um exemplo que se viu nesta última Diada. No meu entorno mais próximo conheço muita gente que, mesmo sem estar a prol da independência, saiu à rua para pedir o referendo. Isso é o importante.

Isso lembra-me o conhecido dito de que o PP é a maior máquina de fabricar independentistas.

SM: É verdade. É assim desde a sentença contra o Estatut em 2010. Ou quando dim "há que espanholizar as crianças catalanas".

CG: Isso cabrea a gente que nunca foi independentista. Os independentistas que há 20 anos eram umha minoria deviam estar encantados com o PP.

Como reagirá o Estado espanhol quando Catalunya se independize?

SM: É muito hipotético, primeiro tem de haver consulta ou eleiçons antecipadas. Dependerá do papel que tenha Espanha se ganha o sim, se continua tam contrária ou se pom a dialogar.

Preguntava-o porque, numha ocasom, um membro das CUP dizia que estavam conscientes de que quando chegasse a independência o estado ia "amarrar" mais o resto de territórios.

SM: Se bem é certo que este processo é próprio de Catalunya e nom admite comparaçons com Galiza ou País Basco, também é certo que produz um efeito reflexo. De dar-se esse cenário num futuro, o Governo vai pôr em andamento todas as suas estratégias para evitar que isso vaia mais alá.

Como olha Galiza o processo soberanista catalám?

CG: Depende de com quem fales, mas cada vez há mais respeito.

SM: Entre admiraçom e respeito. Também há preconceitos, há rejeitamento... Umha mestura de todo.

E como afeta isto à Galiza?

SM: Produz um efeito de miragem. Abres umha fenda, um caminho. Mas há que ter em conta que as realidades catalá e galega som muito diferentes. O que se está vendo é que algo que parecia impossível nom é tam impossível se todo o mundo quer.

As CUP tenhem a palavra-de-ordem "independência para mudá-lo todo", visando que a independência seja umha via para umha mudança social a todos os níveis. A gente percebe a independência como umha via para lograr maior justiza social?

CG: Sim, por isso há tanta gente unida. Pensa-se que se viviria num país melhor, sem tanta corruçom e com maior justiza social.

SM: Há umha mistura dentro das vozes independentistas, há gente que advoga por um estado respetuoso com as questons sociais. As duas cousas vam juntas.

Em que situaçom ficam o País Valenciá e as Illas Balears de independizar-se o Principat?

SM: O desejo é que num futuro a independência abranga os Países Catalans, nom só o Principat; mas todo este processo está-se a desenvolver no Principat. Nesses territórios também há assembleias e nom se consideram exteriores, som parte do país. Mas a realidade política é diferente. Está por ver que caminho seguem.

ALÉM MINHO

Neste bairro do concelho da Amadora, nas aforas de Lisboa, a cultura participativa inunda a vida social

Na Cova da Moura e "com a populaçom, nom para a populaçom"

EDUARDO MARAGOTO / **O Moinho da Juventude é umha associaçom cultural de solidariedade que trabalha polo desenvolvimento de um dos bairros mais famosos de Lisboa, pola sua conflituosidade social e, agora também, graças ao trabalho deste coletivo. A Cova da Moura fica no coraçom da mesma freguesia da Buraca onde surgiu umha das bandas de hip-hop (mais conhecido neste caso como kuduro progressivo) que mais está a dar na cena internacional: Buraka Som Sistema. Porém, os jovens deste arrabalde nom se limitam a acompanhar as novas tendências da música urbana. Umha iniciativa associativa estimula a responsabilidade pessoal e grupal em prol da formaçom e até do empreendedorismo, sempre partindo da promoçom da cidadania participativa.**

Alguns arrabaldes de Lisboa funcionam como pistas de aterragem de populaçom imigrante à procura de um emprego na cidade, onde os preços som inacessíveis. No caso que nos ocupa, a sua génese é a ocupaçom de terrenos públicos e privados por parte de trabalhadores rurais e emigrantes retornados portugueses entre as décadas de 50 e 70. Na atualidade a maioria dos moradores som imigrantes doutros países lusófonos, nomeadamente Cabo Verde, e recentemente da Europa oriental. Com 6.000 habitantes, grande parte dos homens trabalha na construção civil e das mulheres em serviços domésticos. Foi precisamente este o sector que viria pôr as bases de umha malha associativa que desejariam para si muitos outros bairros pobres que desde os anos 80 vírom como a droga e a violência policial os estigmatizava quase definitivamente. Este problema nom diminuiria com o desmantelamento, há 15 anos, do famoso Casal Ventoso (o "supermercado da droga" de Lisboa), que fijo migrar muitos pequenos vendedores para outros bairros da cidade como a Cova da Moura, mas as perspetivas do bairro som mui diferentes nos dias de hoje.

Gente do bairro a mudar o bairro

Em 1987 cria-se a associaçom Moinho da Juventude, a partir da luita pola instalaçom de umha rede de saneamento pública e das reivindicaçons laborais que nos anos 80 desenvolvem as empregadas domésticas para obter melhores condiçons de vida. Na base organizativa está também umha biblioteca gerida por jovens e frequentada por 700 leitores, um desafio tam importante como conseguir que em 2013 a Kola San Jon, umha das mais genuínas expressons de cultura cabo-verdiana na Europa, fosse nomeada Património Cultural Imaterial de Portugal. Os efeitos desta rede associativa também estám à vista nos murais, nas hortinhas ou nas placas que indicam o nome das ruas, lavradas sempre com bom gosto, mas os moradores reconhecem, em resposta ao Novas da Galiza, que o mais importante para as pessoas é a reabilitaçom da imagem do bairro, com uma importância determinante na inserçom laboral das pessoas. A polícia foi umha das principais alimentadoras daquela imagem que foi preciso ir desterrando. Umha das pessoas com quem falamos, o Jakilson Pereira, é o vivo exemplo disso. Na atualidade gere um dos espaços do Moinho da Juventude, a biblioteca António Ramos Rosa. Por sorte, porque há anos foi vítima de um dos episódios de violência policial sofridos pelos jovens do bairro da Amadora. Fugiu por pouco dos disparos da PSP, que depois o torturou junto com outro amigo, ambos conhecidos rappers da Cova da Moura.

O ativismo das mulheres: Lieve Meersschaert

Esta belga mora em Portugal desde 1978 e por circunstáncias pessoais foi viver para a Cova da Moura em 1982. Trabalhava na Cooperativa das Empregadas Domésticas, que pretendia umha lei que as equiparasse aos outros trabalhadores. Conseguírom umha limitaçom do horário e melhorias salariais.

O envolvimento das mulheres foi forte...

Foi. Na luta polo saneamento envolvimo-nos sobretodo mulheres e esse foi o início do Moinho da Juventude. No início da biblioteca e logicamente na luta das empregadas domésticas estávamos mulheres.

Qual é o trabalho mais urgente a desenvolver agora na Cova da Moura?

Foi uma vergonha o processo dos "bairros críticos", onde muitas pessoas de fora ganhárom muito dinheiro, mas não foi bom para nós, que agora vamos ter que fazer um plano de regeneração sem dinheiro.

O que são os "bairros críticos"?

Um decreto-lei de 2005 para dar apoio a três bairros como este em Portugal. Foi bem pensado e envolvia oito ministérios, só que quando o secretário de Estado João Ferrão deixou o Governo caiu tudo. O projeto era participativo, tendo em conta a opinião dos moradores, mas a Cámara Municipal da Amadora estragou essa dinâmica, eles queriam intervir mas sem a opiniom da vizinhança.

POVOS

A história dum dos genocídios mais brutais após a Segunda Guerra no Mundo

Palestina, a Nakba do 48 (II)

JOSÉ ANTOM 'MUROS' / Nesta continuaçom do caso alestiniano e da sua relaçom de sumissom e dependência com a potência colonial sionista -Estado de Israel- e o Imperialismo Ocidental -USA e aliados europeus- trataremos das primeiras consequências da Nakba, "a catástrofe" que supujo a criaçom do Estado de Israel (15 de Maio).

A Nakba foi umha das deportaçons e dos desastres e genocídios mais brutais acontecidos após a Segunda Grande Guerra no Mundo. Fôrom expulsos 900.000 palestinianos das suas aldeias, vilas e cidades maternas. Escapárom dos assassinatos e destruiçom realizados de maneira planificada polos sionistas dirigidos por David Bem Guriom.

Despojados e atemorizados acabárom instalando-se em toda a regiom: territórios ocupados polos sionistas no 67- Cisjordania, Gaza, Jerusalém Leste, Jordánia, Síria, Líbano, resto do Mundo Árabe.

Nengum dos quatro milhons de descendentes desta limpeza étnica pudo nem pode regresar, nem recebeu indemnizaçom polos danos económicos e morais ocasionados.

A visom tradicional sionista sobre o problema dos refugiados e como se criou era mais propaganda que dados objetivos. Nela o problema dos refugiados foi provocado por umha fugida voluntária promovida polos estados árabes e o Movimento Nacional Palestiniano. Nada mais longe dumha realidade que olhamos com dados e provas na visom tradicional palestiniana e que é aceitada e renovada com novos dados e provas polo conjunto de Novos Historiadores Israelianos. Estes quebram a dinámica tradicional da propaganda sionista e afrontam a realidade da fundaçom no 15 de Maio do Estado de Israel, demostram que centos de aldeias árabes fôrom arrasadas de maneira sistemática e planificada em todos os pontos do Estado de Israel. Os objetivos eram a limpeza étnica e a criaçom do terror na populaçom palestiniana para que fosse embora. Autores diversos e plurais contrastárom e figêrom públicos os seus dados; o desejo primordial que os une é a objetividade; neles há desde historiadores post-sionistas críticos por evoluçom com a ideia mesma do Sionismo como Iam Pappe, a pessoas objetivas e cínicas como o caso de Benny Morris, que assumindo a verdade partem da sua necessidade naquela época.

No Israel constituido após o 15 de Maio do 1948 so ficárom 100.000 palestinianos. Assumírom com restriçons e limites umha cidadania israeliana secundária muito similar à dos pretos e mulatos na África do Sul do Apartheit, a negaçom da sua condiçom de palestinianos por Israel, umha estrutural marginalizaçom económica e o permanente intento de divisons e confrontaçom entre os diferentes grupos populacionais. Há que dizer que os seus descendentes, 1.200.000 pessoas, som plena e conscientemente um problema tam grave ou maior para o Estado de Israel que o dos Territórios Ocupados de 67 ou o dos refugiados, como veremos nos próximos meses.

DITO E FEITO

"O ovo já eclosionou, estamos conscientes de que queremos"

ENTREVISTA A SILVIA VILAR (SIL) E ÓSCAR GÓRRIZ (SAUKO), DA COOPERATIVA GZIMAXINARIA

"Queremos abrir a cultura ao seu espaço natural: as pessoas"

O.R. / Conversamos com Sil e Sauko numha praça, sentadas num banco, baixo um farol. Ainda se lhes ve nos olhos a ilusom com a que vivêrom as múltiplas propostas que compugêrom a Feira Imaxinaria, que tivo lugar em Valadares entre o 29 e o 31 de agosto. Falamos de Gzimaxinaria (*http://gz.imaxinaria.org*), a cooperativa que promoveu o evento, mas também de cultura livre, de coordenaçom, do colectivo, dos afetos. E de toda essa Galiza que, sete anos depois do nascimento deste projeto, é cada vez mais real e menos imaginária.

Silvia Vilar (agachada, no centro) e Óscar Górriz (de pé, terceiro pola esquerda), com outros membros de Gzimaxinaria no encontro de projetos cooperativos Cooperland

Gzimaxinaria é um projecto complexo, com muitas facetas e poucos paralelismos na Galiza. Como o definiriades?

Sil: Há muitos jeitos de conceber que é Gzimaxinaria. Começou há uns sete anos como umha moreia de colectivos com autonomia e atividades próprias em que tentam construir umha outra Galiza, e todas elas pautadas pola cultura livre. Para além disso, fazemos outras actividades comuns como encontros, debates, concertos, festas ou projetos.

Sauko: Buscamos a coordenaçom para gerar trabalho criativo comum. Há vários colectivos que nutrem isto, como Alg-a Lab, a Casa Colorida, Proxecto Derriba, Axóuxere, Universidade Cromática das Virtudes, Adtlántida TV ou Monte Noso. Toda essa rede tem pontos de encontro periódicos como podem ser a Feira, que serve para encontrar-se, por cara à gente, coletivizar.

Há muitas vozes que dim que a transformaçom já está aqui, e que o que vimos imaginando nos últimos anos já chegou à nossa realidade... Porque o nome de "Gzimaxinaria"?

Sil: Sim, esse é um debate que se está dando também de dentro da cooperativa ultimamente. É imaginária essa Galiza? Nom, é real, porque também som reais todos os nossos projetos. Mas antes de ser real, houvo que imaginá-lo. Nós imaginamos umha cooperativa, umha Galiza pautada pola cultura livre. E para que cada vez seja mais real iremos imaginando ferramentas, jeitos e maneiras de chegar a ela.

Credes que se avançou nestes sete anos que levades de andamento na conceçom da cultura livre ou ainda fica muito por fazer?

Sil: De sete anos para aqui a evoluçom foi enorme, e ao mesmo tempo fica todo o trabalho do mundo que fazer. Antes o trabalho pola cultura livre era endogámico, precário e difícil de comunicar, porque estava ligado só ao software livre, que é de onde surde todo este movimento. Hoje a cultura livre ultrapassa totalmente este plano, e pode levar-te a qualquer ámbito! Há três Feiras, figêmos em Valadares um encontro arredor do software, mas com o procomum como tema central, e fundamentado nas experiências de monte comunal. A combinaçom é explossiva, porque gente doutros terrenos começa a empregar os mesmos jeitos de reusar e reapropriar que defende a cultura livre. Mália todo é um trabalho lento, porque a inercia é muito grande. Muita gente nom compreende ainda o que é o trabalho colaborativo, cre que é trabalhar de balde.

"Buscamos coordenar para gerar trabalho criativo comum"

Sauko: Eu também diria que ambas cousas! Mas o caminho andado é grande já; de facto, na Feira tivêmos um debate muito interessante arredor da cultura livre. Essa combinaçom de que fala Sil é brutal, porque se trata de criar um mundo novo mas usando o imaginário galego coletivo que já existe. É umha mistura entre tecnologia, modernidade e novas culturas com o imaginário tradicional; nom é umha cultura desligada, tem trajetória. Na atualidade a cultura foi normativizada, corporativizada e quitada do seu espaço natural, que som as pessoas. Queremos devolvê-la ao seu lugar!

"Feira Imaxinaria": o nome e a imagem gráfica remetem-nos à tradiçom! Que fica no vosso encontro das antigas feiras?

Sil: A Feira busca ligar-nos nos afetos, depois do trabalho mais duro de todo o ano. Há encontro, comida, postos, um pouco de todinho.

Sauko: Sim, e crianças correndo por toda a parte! Os debates som o prato forte, mas buscamos criar também espaços para estar e compartir, zonas amáveis para continuar falando umha vez que rematam as charlas, onde às vezes saem as ideias mais interessantes.

Nesta ediçom Gzimaxinaria apresentou na Feira a plataforma gzimaxinaria.net. Falade-nos um pouquinho mais deste projecto tam ambicioso.

Sauko: Trata-se dumha rede social colaborativa onde volcar, documentar e fazer rede a diário. Empregamos um software que já existia, e com o que estava trabalhando por exemplo a gente da Cooperativa Integral Catalana, no que convivem fios de debate, documentos, eventos, ou toda a informaçom que queira compartir a rede, como tarefas, assembleias, grupos de trabalho, ou localizadores. Buscamos sair da atomizaçom das ferramentas. É algo mui diferente às redes sociais convencionais, tam castrantes, em que premes no "gosto" e nom vas mais alá. Isto incita à açom, à criatividade partilhada, a falar e trocar.

Sil: Apresentamos esta megaferramenta com grande ilusom, após muito tempo de trabalho. Queremos que dea cobertura a setores muito diversos, por isso este ano a Feira foi muito mais integral, e chamamos a nodos muito diferentes. Também é umha ferramenta útil para usuárias que nom estám em nengum coletivo mas querem saber o que se está a fazer na Galiza.

"Hoje a cultura livre ultrapassa o plano do software, e dá combinaçons explossivas com formas tradicionais de procomum como o monte comunal"

Funcionastes com moeda social! Como foi a experiência?

Sil: Os postinhos decidiam se entrar ou nom, mas quase todos funcionárom com moeda social. Os jantares e a cantina tampouco cobrárom com moeda circulante. A moeda da Feira tinha um pequeno "imposto revolucionário" para dar suporte ao servidor que estávamos apresentando.

Sauko: foi umha moeda muito concreta, nom de troco, mas o objetivo era gerar esta experiência, e que se veja que nom é algo tam *friki* como às vezes se imagina. Há que ir fazendo músculo para as economias alternativas!

Qual é a vossa valorizaçom pessoal da Feira?

Sil: Foi umha experiência muito intensa, e que entusiasmou muita gente. Às vezes parece que nos núcleos coordenadores há muita gente e nom é assim. O bonito é que se estám gerando ferramentas para a coletividade.

Sauko: E abertas, criadas por gente de aqui, com visom ampla, com gente que quer trabalhar em rede. O ovo já eclosionou, estamos conscientes de que queremos, só falta ver como trabalhamos e como nos achegamos quanto mais possível umhas a outras.

A FUNDO

A VULNERAÇOM DOS DIREITOS DAS MULHERES É PRÁTICA COMUM POR PARTE DOS ESTADOS

Governos em ofensiva contra as liberdades sexuais e reprodutivas

Desprotegidos e ignorados ficam os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres enquanto quem os viola fica impunes. A soberania sexual e reprodutiva, anulada por leis governamentais, junta-se com o fomento de estruturas de pressom social, a desinformaçom e umha educaçom que mal toca à mocidade que começa a contactar com a sua sexualidade. A violaçom dos direitos sexuais e reprodutivos caminha pola rua pendurada dos corpos das nossas mulheres e adolescentes.

ZÉLIA GARCIA

ANA VIQUEIRA / As políticas públicas nom garantem os direitos sexuais e reprodutivos na Galiza. Os tratamentos de reproduçom assistida estám reservados para parelhas estáveis integradas por um homem e umha mulher que justifiquem problemas de fertilidade discriminando às pessoas que nom mantenham umha relaçom, as que nom queiram acredita-la perante o Estado e as que nom tenham por parelha um homem. No momento de apresentar esta mudança, há menos dum ano, a ministra espanhola da Sanidade, Ana Mato, matizou que "a falta de varom nom é um problema médico". A afirmaçom soltou umha pregunta à populaçom e, em especial, aos colectivos feministas e FELGTB, "Se a essa mulher fértil nom lhe pedem que mude de moço, porque a mim sim me exigem que cambie de parelha?".

Os governos tampouco mostram interesse polas vulneraçons mais atrozes dos nossos direitos sexuais e reprodutivos. Por exemplo, continuam sem existir informes públicos específicos sobre violência sexual. Desta forma, o delito concreto aparece diluído como um subponto dentro dos delitos contra a liberdade das pessoas e sem detalhar a existência de juízo ou condenaçom. Um dado inquietador de despreocupaçom institucional, se verificamos que 30 por cento das 300 denúncias que se apresentam cada ano na Galiza por um delito contra a liberdade sexual ficam impunes, segundo os próprios dados do Ministério do Interior espanhol.

> 30 por cento das denúncias por delitos contra a liberdade sexual na Galiza, que somam trescentas no ano, ficam impunes

O desinteresse e a própria violaçom destes direitos por parte do Estado repercutem-se de forma direita na sua populaçom, em especial na mais nova. Ainda que com os nomes trocados, os casos de Andrea, Iria mais Natalia som exemplos reais e quotidianos da falta de respeito polos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres.

Andrea: os direitos sexuais e reprodutivos na adolescência

Andrea é umha adolescente que ficava pasmada quando começou a fixar-se no linda que ia às aulas umha das suas amigas. No momento em que as duas começárom a entender a atraçom que as unia, decidírom estabelecer-se como parelha. Para elas significa descobrir um caminho por onde passear porque quase nom tenhem informaçom sobre a sexualidade das lesbianas e as suas práticas nom primam nas conversas dum bar com o resto das amigas. "Na escola tivem um curso, na E.S.O., onde nos ensinavam algumha cousa de educaçom sexual. Nom recordo em concreto quantas aulas fôrom porque também davam sobre conflitos internacionais..." Andrea tenta lembrar o aprendido mais acaba por assegurar que a educaçom sexual que recebeu foi insuficiente.

Os direitos sexuais som diferentes dos reprodutivos ainda que em abundantes declaraçons de direitos humanos aparecem inclusos no mesmo parágrafo. Os direitos reprodutivos protegem a liberdade e autonomia das pessoas para determinar a vida reprodutiva, quer dizer, decidir se as pessoas querem ou nom ter crianças, em que momento e com quem. Este direito foi reconhecido polas Naçons Unidas e a Organizaçom Mundial da Saúde na Conferência de Teerám em 1968.

Os direitos sexuais reconhecem a expressom da própria sexualidade sem discriminaçom algum-

CENTROS SOCIAIS

CS Almuinha
Rosalia de Castro, 46 · Marim

Artábria
Trav. Batalhons · Ferrol

Bou Eva
Terço de Fora · Vigo

A Casa da Estación
Ponte d'Eume

Casa do Sar
Curros Enríquez · Compostela

CSO Casa do Vento
Figueirinhas · Compostela

CSOA Escárnio e Maldizer
Algália de Riba · Compostela

CSO A Kasa Negra
Perdigom · Ourense

LS do Coletivo Terra
Boa Vista · Ponte d´Eume

A Cova dos Ratos
Romil · Vigo

Distrito 09
Coia · Vigo

Ateneu Libertário A Engranaxe
Rio Sil · Lugo

Faísca
Calvário · Vigo

Fervesteiro
Adám e Eva · Ferrol

O Fresco
Bº da Ponte · Ponte Areias

O Fuscalho
Frente à Atalaia · Guarda

A Galleira
R. Hernán Cortés - Ourense

Gomes Galoso
Monte Alto · Corunha

CS Harar
Corredoira Luis Cadarso - Noia

Liceo Murante
Rosalia de Castro · Ponte Vedra

CS Lume!
Rouxinol nº16 · Vigo

Mádia Leva
Serra de Ancares · Lugo

CSO Palavea
Palaveia · Corunha

O Pichel
Sta. Clara · Compostela

A Revolta do Berbés
Rua Real · Vigo

A Revolta de Trasancos
A Faísca · Narom

A Tiradoura
Reboredo · Cangas

CS VagaLume
R. das Nóreas, 5 · Lugo

CS Xebra
Leandro Curcuny · Burela

CSO Xuntas
Rua do Carme · Vigo

CS A Zalenvá
R. Carris, Valençá · Barbadás

ha atendendo em especial à diversidade de sexo e orientaçom sexual. Em 1997, em Valência, teve lugar o XIII Congresso Mundial de Sexologia, de onde resultou a Declaraçom Universal dos Direitos Sexuais, ratificada dous anos depois em Hong Kong. A declaraçom da ONU sobre orientaçom sexual e identidade de género foi umha iniciativa francesa, respaldada pola Uniom Europeia, e que foi presentada perante a Assembleia Geral da ONU em 2008. A declaraçom condena a violência, assédio, discriminaçom, exclusom, estigmatizaçom e o preconceito baseados na orientaçom sexual e identidade de género. Além disso, a iniciativa começou a quebrar o tabu que impera nas Naçons Unidas à hora de falar dos direitos LGBT. Andrea mostra-se confusa e alega que nunca lhe explicárom em que consistiam estes direitos. "E duvido que alguém da minha turma -vai em bacharelato- também o saiba", engade.

ZÉLIA GARCIA

Iria: a pressom social ante a nossa sexualidade e reproduçom

Iria já passa dos vinte e cinco mas ainda sente a pressom dos amantes esporádicos que se negam a pôr o preservativo ou procuram pressioná-la para que tome a pílula anticoncetiva. Ela quere negar-se porque sabe que esse anticoncetivo nom protege das ETS pero custa-lhe pronunciar um nom rotundo.

Sem educaçom sexual, a pornografia foi-se convertendo num referente de como viver a sexualidade

> A ONU condena a violência, assédio, discriminaçom, exclusom, estigmatizaçom e preconceito por orientaçom sexual e identidade de género

para muita gente nova traspassando essas pautas à publicidade que penetra desde a internet, a televisom, a rádio, o jornal ou mesmo o balado publicitário. "De súpeto, se nom falas de relaçons sentimentais começam as preguntas sob tua sexualidade. Várias pessoas, incluído familiares, perguntárom-me se era lésbica ... falando com minhas amigas decatei de que nom fum a única a quem, se nom tem moço ou fala de moços, lhe preguntam sistematicamente se é lesbiana".

A pressom traspassa e cola-se na própria sexualidade. Desde o uso de anticoncetivos até os modelos de praticar o sexo. "Creio que nom experimentamos o suficiente... ou polo menos que nom nos ensinam a isso, a praticar com o nosso próprio corpo e prazer".

Natalia: direitos sexuais e reprodutivos na saúde pública

"Ainda nom figem 30 anos e já me preguntam seguido se tenho moço. Depois disso, chega o discurso

> "Nom nos ensinam a experimentar com o nosso corpo e prazer"

de que se che passa o arroz, de que se vais ter filhos, de que vais fazer com a tua vida... Como se ser mãe fosse o único com o que me poido realizar!" Natalia considera que as mulheres vivem a re-

MAI ÍNSUA É PSICÓLOGA, TERAPEUTA SEXUAL E 'TAPERSEIRA' EM 'LOS PLACERES DE LOLA'

"Valorizarmos os direitos sexuais é fundamental para a transformaçom social"

Mai Ínsua acompanha a muitas mulheres nos processos de auto-conhecimento e re-aprendizagem sexual através do seu trabalho e especialidade de psicóloga, terapeuta sexual e taperseira en Los Placeres de Lola. Caminhando além da profissom, Mai é ativista feminista implicada na transformaçom social.

Mai, trabalhas a cotio com a sexualidade das pessoas procurando achegar mais umha a outra. Como vivemos as pessoas esse achegamento à nossa sexualidade?

Vivemo-lo de forma ambivalente, já que por um lado é algo emocionante e que pode achegar-nos experiências e transformaçons mui positivas, como algo sanador, de crescimento, prazenteiro... Por outro, a sexualidade na nossa sociedade é mui interpeladora e questiona-nos desde um lugar mui íntimo e de raiz; move os esquemas e polo tanto as seguranças, assim que aqui entram medos, tabus, vergonhas, reaçons do entorno, etc.

> "Vivemos a nossa sexualidade de forma ambivalente"

Subestimamos os direitos sexuais?

No feminismo e lesbianismo ocupam um lugar mais importante que noutros movimentos ou sectores sociais, mais penso que em geral si que os subestimamos.

Som umha parte essencial da nossa saúde, supervivência, liberdade, empoderamento, autonomia, felicidade... Nom haverá umha verdadeira transformaçom social mentres nom transformemos como habitamos os nossos corpos, os prazeres e os afetos. Situar os direitos sexuais num lugar de maior importância é fundamental para esta transformaçom.

Essa segunda plana na que ficam vem da confusom com os direitos reprodutivos?

Sim, de facto com a realidade atual a respeito da Lei do Aborto queda mui de manifesto. Nomeamos que esta Lei é umha manifestaçom de algo muito máis macro como é o controlo sob os nossos corpos, sob as nossas vidas, pero

produçom desde o condicionamento social. Também crê que o sistema de saúde pública galego nom cobre os seus direitos reprodutivos. "Longe de cobrir os nossos direitos reprodutivos, até semelha que promovem o próprio desinteresse por tê-los".

Na Galiza, o governo do Partido Popular recortou o serviço de ginecologia derivando parte do serviço aos Centros de Saúde e alongando os períodos de revisom. "O colmo foi que me saiu um vulto perto do clítoris e dixerom que nom tinha nada, sem dar mais explicaçom, que nom me preocupasse e mandáromme para casa, assim que tivem que ir à sanidade privada. Ali, no momento, comunicárom-me que era um pequeno vulto de gordura e quitárom-mo."

Também há mulheres como Andrea, Iria e Natalia que vivem em estado de reclusom. O desinteresse polos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres nos centros penitenciários é tal que nem sequer tenhem a obriga de ter um serviço especializado em ginecologia.

A 'obrigaçom' de parir

Apesar do reconhecimento internacional, os Estados continuam a vulnerar a liberdade das pessoas a viver com liberdade a sua sexualidade e a sua reproduçom. Umha das máximas expressons do incumprimento é a penalizaçom do aborto. O governo espanhol, das mãos do Partido Popular, procurou presentar um anteprojeto de lei no que penalizar a interrupçom voluntária da gravidez. Nele, Gallardón pretendia instaurar o sistema legislativo da Polónia, onde a interrupçom da gravidez só é permitida se esta for resultado dumha violaçom, se a saúde da mulher correr grave risco ou se existirem malformaçons fetais severas.

> "Longe de cobrir os nossos direitos reprodutivos, os governos promovem o desinteresse por tê-los"

Mais restritiva é a legislaçom irlandesa. A República da Irlanda promulgou no início de 2014 umha nova lei sobre a interrupçom da gravidez em que se acrescenta um caso para permitir o aborto: que exista risco grave para a saúde da mai. Contodo, de toda a Europa, os estados que mais vulneram o direito reprodutivo som Malta e o Vaticano, onde a interrupçom da gravidez é proibida na sua totalidade.

Atendendo aos trabalhos atuais na sociologia, a violaçon dos direitos humanos nom acontece quando infringes umha norma legal concreta senom quando violas o principio fundamental dos direitos humanos, tal como detalham Bryan Turner e Georg Simmel. Recolhendo esta linha post-tradicional, Tony Ward elabora com Penny Green o conceito de 'crime de Estado' que se centra na desviaçom organizacional por parte das agências do Estado que involucra a violaçom de direitos humanos. Ainda que foi criticada por ser ambígua, o campo da sociologia admitiu que as fronteiras do crime de Estado som imprecisas e questionáveis. Finalmente, a Iniciativa Internacional de Crimes de Estado trabalha com esta definiçom.

Porém, a existência de estados que garantem a impunidade de agressores sexuais, incumprem os direitos reprodutivos enviando a mulheres a prisom pola interrupçom do seu embaraço – El Salvador meteu 14 mulheres em prisom este ano por aborto involuntário- e mesmo a existência de governos que nom investigam os feminicídios, parecem nom ser suficientes para a Corte Internacional Penal. Os crimes de Estado machistas e os governos responsáveis em todo o mundo, seguem impunes ano após ano.

---

circunscrevemos a maior parte do discurso ao direito a interromper o embaraço. Outras reivindicaçons polas que necessariamente passa essa soberania como som a vivência livre do corpo, o seu conhecimento para poder cuidarnos, a construçom livre da identidade, a legitimidade de negociar o sexo, a legitimidade de ter sexo para o desfrute próprio... Parece que vam aparte ou quedam em mui segundo lugar.

Há também outros obstáculos, como a reduçom da sexualidade ao sexo e do sexo ao privado, ou os "falsos direitos" que pressupomos à nossa geraçom. "Poder" fazer certas cousas em comparaçom com as nossas mais ou as nossas avoas (e graças a elas) nom implica que tenhamos alcançado esses direitos de forma plena, nem para todas, nem de forma irreversível.

Como repercutem os direitos sexuais na nossa sexualidade?

Mudam a nossa vivência, como um continuum: da possibilidade ao obstáculo, do prazer ao disprazer, da saúde á enfermidade, da legalidade á ilegalidade, das garantias à desproteçom, da liberdade á violência, da autonomia à dependência, da equidade á discriminaçom, do empoderamento á vulnerabilidade, da criatividade à norma, da identidade á normalidade...

E o inverso. As nossas práticas sexuais influem nos nossos direitos?

Sim, dende a reivindicaçom e a vivência das margens positivas do continuum anterior, acadamos e exercemos direitos sexuais.

Há políticas que perseguem anular nossos direitos e práticas sexuais. No verao passado o PP limitou a reproduçom assistida. Quitou esse direito a toda mulher que nom tenha -ou nom queira demostrar- umha relaçom habitual com um mesmo homem. Que intençom vês?

Umha pretensom relacionada com tudo o anterior. A reproduçom e os vínculos nom dependentes dos homens -seja qual seja a nossa orientaçom do desejo- marcam umha diferença radical -por cambio brutal e por ir à raiz- na autonomia de todas as mulheres, porque fam mais possíveis outras redes de apoio: afetivas, eróticas, económicas...

> "Coletivizar a sexualidade é umha potente ferramenta"

Luitamos o suficiente polos nossos direitos sexuais?

Uf, luitar suficiente... Iso é todo um debate! Umha forma possível de fazer umha luita mais forte é estabelecer mais e mais sólidas alianças com outras mulheres: doutras etnias, doutras orientaçons, com outros corpos, outras funcionalidades, outras idades, outras vivências sexuais e amorosas... Alianças proibidas.

Volto ao nosso começo da entrevista. Estás em contacto com as pessoas e como vivem o seu corpo, o seu prazer, o seu sexo... Em linhas gerais, como é a nossa educaçom sexual? Vivemos nossa sexualidade dumha forma sam?

Volto também ao começo. Vivemos a nossa sexualidade de forma misturada. Umha mesma mulher pode saber muito a respeito do seu clítoris e nada a respeito do seu ciclo menstrual, por exemplo, ou sentir-se legítima para negociar algumhas práticas sexuais pero nom outras. Estamos num momento de transiçom em que convive um modelo repressivo, moralmente, legalmente... com outro modelo mais libertador pero do que ainda temos poucas referências e experiências, informaçons e desinformaçons, e que às vezes funciona também como norma e medida de normalidade. Neste contexto é difícil obter umha vivencia plenamente sam, mas imos tendo mais ferramentas para o fazer e, certamente, coletivizar a sexualidade é umha das potentes.

Há revoluçons que podemos fazer nós mesmas e na nossa cama. Dá-nos algumha recomendaçom de como revolucionar a nossa sexualidade.

Vam cinco: a coletividade, o jogo, a criatividade, o prazer... O feminismo!

Contacto com Mai Ínsua:
mai.sexualidade@gmail.com

TRIBUNA

O autor alerta de que, ao tempo que se deteriora a capacidade de expressom, torna-se mais infrequente a clara formulaçom de pensamentos

Neolíngua e regressom

VELHAS TRADIÇONS UTÓPICAS PENSÁROM A EMANCIPAÇOM COMO O RENASCIMENTO DA LINGUAGEM CERTA

ANTOM SANTOS / Giovanni Battista Piranesi foi um desenhador italiano do século XVIII, conhecido pola execuçom de gravuras que reproduzem arquiteturas abafantes e formas impossíveis. A romancista Marguerite Yourcenar intuiu algo familiar naquelas láminas: "esse mundo fictício e, porém, sinistramente real, claustrofóbico e, porém, megalómano, nom deixa de lembrar-nos aquele em que a humanidade moderna se fecha cada dia mais, e do qual começamos a reconhecer os mortais perigos". O artista confessara em vida que "se lhe ordenassem fazer o plano dum novo universo, cometeria a loucura de empreender essa tarefa". A empresa era desaforada para um homem só, mas a modernidade capitalista acometeu tal despropósito até chegar mui longe: confundindo a razom com o cálculo, conformou um mundo inteiro submetido à produçom da mao humana; um mundo sem nenhum exterior que poida alimentar temores, sonhos ou projetos. Utópico para os privilegiados, que vem perto a consumaçom da velha promessa liberal de longevidade à carta e blindagem ante as forças naturais; desalentador para os despossuídos, que recebemos os fruitos podres do progresso nas formas que narravam tantas distopias. Habitamos um mundo tam injusto e violento como sempre foi; e além disso, feio, clausurado em si mesmo, aferrolhado por estados policiais, tele-vigiláncia sem fronteiras, concorrência generalizada e subministro massivo de medicaçom psiquiátrica. Os galegos e galegas nadas em finais do século XX assistimos à substituiçom das nossas memórias infantis por umha pátria universal homogénea que inçam nom-lugares: autoestradas e centros comerciais, urbanizaçons e macro-cárceres, linhas da AVE e parques eólicos. O desapossamento territorial acompanhou-se, é sabido, dum retrocesso doloroso da nossa língua. E a um tempo que o idioma recua, participamos dum empobrecimento generalizado que afeta muitas falas: a capacidade de expressom deteriora-se e torna-se cada vez mais infrequente a clara formulaçom de pensamentos.

Apesar de ser um processo bem visível e em rápido desenvolvimento, nom se tem reparado o suficiente no deterioramento da linguagem.

Para deitar luz neste assunto vem na nossa ajuda um dos derradeiros livros de Jaime Semprún: Defesa e ilustraçom da neolíngua. Com a reorganizaçom radical do mundo, diz a tese central deste pequeno ensaio, difunde-se umha nova forma de expressom plenamente funcional à vida privada de autonomia e experiência; umha linguagem simplificada no seu léxico, carente de matizes espácio-temporais, oscilante entre o abuso pseudocientífico e o exagero permanente e desapegado da realidade, o que Santiago Alba chama 'inflaçom semántica'.

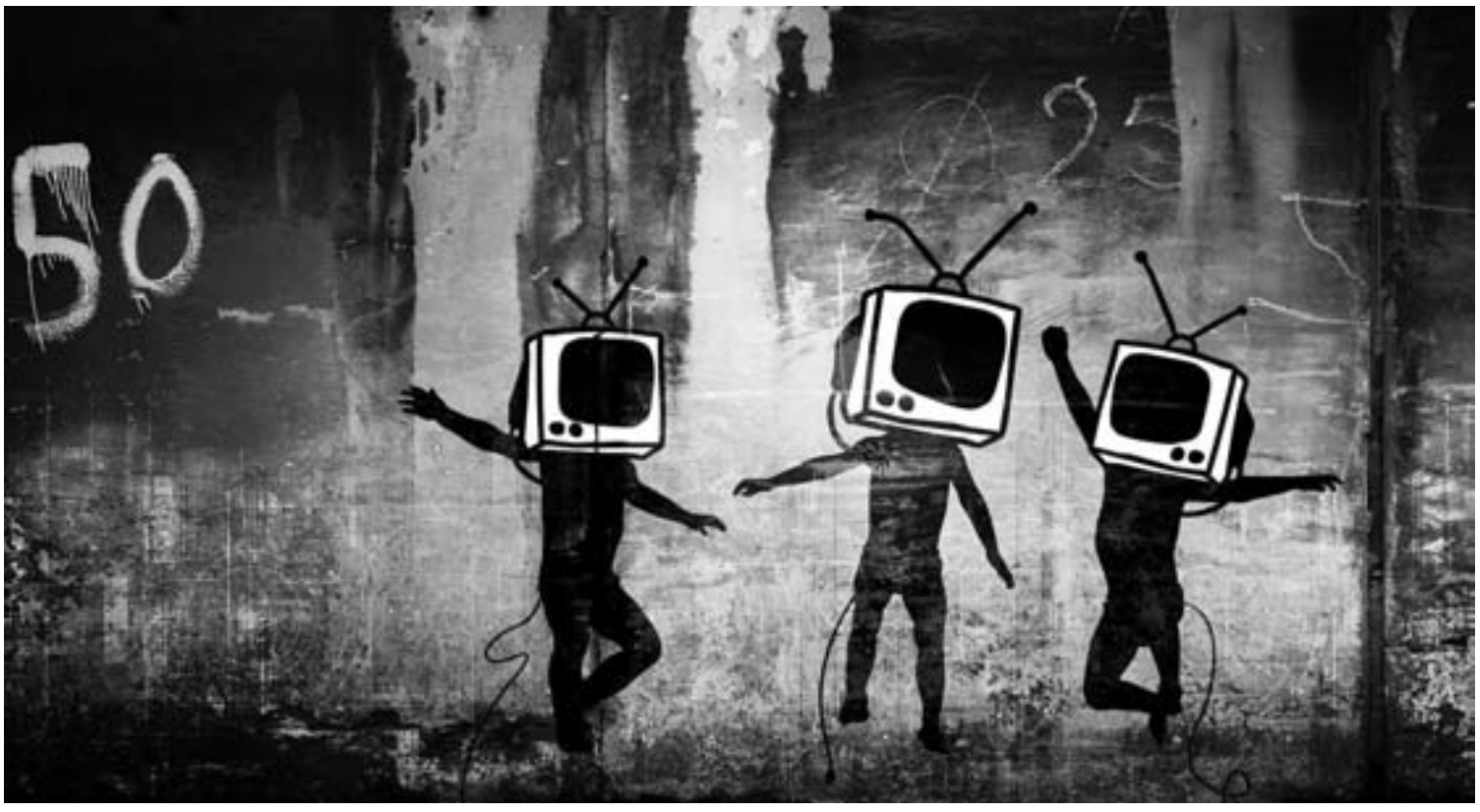
'Neolíngua' é um termo cunhado por George Orwell. O intelectual británico foi umha das primeiras pessoas a se alarmar polo empobrecimento da expressom nas sociedades contemporáneas, advertindo dumha regressom que, paradoxalmente, protagonizava a humanidade letrada. No entanto, na etapa de entre-guerras o termo 'neolíngua' ainda tinha um alcance limitado: nomeava a gíria estereotipada das doutrinas políticas de estado, ou a planície expressiva daqueles primeiros jornalistas 'com voz de gramofone'. Semprún reconhece a sobrevivência deste código empobrecido e útil aos poderosos, mas amplia o significado do termo, dotando-o dum alcance mais fundo. O processo de conversom massiva à neolíngua é, a um mesmo tempo, ditado e plebiscitário. Impom-se coercitivamente através dumha vasta rede de técnicos e publicistas que, apoiados no bombardeamento mediático, organizam todas as ordens da existência: a saúde e o lazer, a participaçom política ou o transporte. Porém, num sentido complementar, a adesom à neolíngua é plenamente fluída, participativa, mesmo poderíamos dizer que democrática. A neolíngua nasce e desenvolve-se cada dia polas exigências do meio industrial e as suas novas tecnologias, como o idioma universal dumha populaçom que, com exceçons escassas, abraça necessidades também universais. O planeta inteiro vive entregue aos ritmos e desejos da produçom industrial de mercadorias; quem ainda nom acadou os seus padrons, inveja-os através do éter da realidade virtual.

> As galegas de finais do século XX assistimos à substituiçom das nossas memórias infantis por umha pátria universal homogénea que inçam nom-lugares

À maneira da decadência do velho urbanismo pré-moderno, improvisado e caótico, entregue apenas a um implícito sentido comum popular, esvaece-se na vida das pessoas todo aquilo que noutrora havia de natural, irregular e imprevisível. A linguagem, ainda, é capaz de manter com persistência o reflexo destas realidades fenecidas. Sabemos que as heranças da cultura som testudas, e da mesma maneira que a nossa língua sobreviveu durante séculos e com poucos valedores a um duro processo assimilador, velhas formas de sentir, de contemplar o mundo e de exprimir-se rebolem um pouco por toda parte. Semprún chama 'paleolíngua' a esse conjunto de falas que, em pleno mundo mercantil, agonizam como um vestígio arcaico das sociedades de onte, com as suas irregularidades e curiosa desordem.

Riquezas autóctones

Muitos antropólogos, missionários e civilizadores ocidentais reconhecêrom com abraio o tesouro lingüístico dos povos originários. Primitivos ou neolíticos assentes na produçom agrária, as suas técnicas rudimentares pareciam contrastar com umha incomensurável riqueza expressiva. Na realidade era esta sua vida, paupérrima aos nossos olhos, que tornava as línguas pródigas em categorias concretas e precisas, abondosas em termos específicos para milheiros de detalhes materiais, ramificadas em morfologias inauditas. Algo disto ecoava na língua dos



nossos avôs, quando o idioma mantinha a funçom de transmitir umha experiência e de reproduzir toda umha complexa trama espacial que se vencelhava à estirpe. Nós criamo-nos em pleno esfarelamento deste mundo, que sem embargo permaneceu reconhecível numha vida nova ganha polo esforço militante e o associativismo cultural. Sem conseguirmos que fossem estritamente nossas, os filhos da sociedade espetacular e urbana alimentamos umha relaçom de familiaridade e cercania com práticas, trabalhos e palavras. Cabe perguntar-se agora, debaixo da batedora capitalista a pleno rendimento, se pode sobreviver este tesouro com as sós energias do voluntarismo e as boas intençons, privado da existência que lhe conferira corpo e dignidade. Semprún nega esta possibilidade com o pessimismo radical que lhe é próprio: "Que necessidade teríamos de conservar todas essas palavras ligadas a sensaçons, atividades, costumes doravante abolidos? Quando nom os deitamos de vez ao lixo é porque a sua própria obsolescência fijo que adquirissem um valor cultural, como os aquecedores de cobre que penduram nas paredes das moradas aquecidas com eletricidade nuclear". A crítica, que se fai feroz ao denunciar a intelectualidade defensora do património, nom é rigorosa. Ratifiquemos que o cultivo da cultura, de por si, nada pode contra as grandes transformaçons sociais em andamento, como na nossa terra denunciou sempre a crítica ao pinheirismo; admitamos que na intelectualidade comprometida aninhem, além de inquedanças sinceras, intençons espúrias (o desejo de notoriedade através do exercício da denúncia inócua, diz Semprún). E contodo, a atençom às velhas heranças constitui já umha certa impugnaçom do mundo padecido; um reconhecimento do valor do que foi condenado pola história, e ao mesmo tempo a esperança difusa de algo por nascer, a promessa dum ressurgimento que poderia ter lugar quando o momento for propício. Poderíamos recorrer a outro grande pessimista lúcido, T. Adorno, para entendermos o potencial das pequenas físgoas que deixa abertas o mundo administrado: "o facto de se precisar igualmente do nom subsumível sob a identidade (...) para a vida em geral, mesmo sob as relaçons de produçom dominantes, isso é o inefável da utopia. Esta introduz-se no que se conjurou para que nom se realize".

Precisom e extravio

Em Semprún - como no seu momento em Orwell - nom se manifesta primordialmente umha preocupaçom estética, nem muito menos umha visom saudosa da sociedade que se foi. A sua inquietude é política: encarrega-se de analisar um paradoxo que absorveu essa esquerda que se atreveu a repensar radicalmente o Iluminismo: a persistência da irracionalidade, da violência massiva, da mentira - da barbárie, em suma - no coraçom dum mundo conduzido pola razom e as incessantes aplicaçons tecnocientíficas. Tal paradoxo tinha que exprimir-se forçosamente no pensamento e nas falas, e é assim que umha linguagem árida e unívoca convive amigavelmente com o seu reverso grotesco: a neolíngua inclui também a utilizaçom dum registo libertado de toda exigência de objetividade, alheio à obriga de ter que dizer algo exato, ou mesmo simplesmente coerente, sobre a realidade. O debate parlamentar, as tertúlias televisivas, e até mesmo certa expressom da esquerda radical, sustentada no sensacionalismo e no exagero, conformam a linguagem do extravio, o balbordo de fundo do planeta tecnicamente organizado:

"Estas duas formas dialetais de neolíngua por vezes apresentam-se como opostas e até em luita, mas na realidade a sua oposiçom nom é maior da que semelha existir à primeira vista entre trabalho e divertimento (...). À linguagem da pura lógica automatizada responde a do puro automatismo verbal libertado da lógica, mas do que se trata sempre é dumha linguagem independente da consciência".

Linguagem e utopia

Nenhum assunto nos pode resultar mais sensível a nós que, como arredistas, levamos décadas reagindo ao empobrecimento dumha Galiza de que se ausentam arquiteturas e saberes, espécies naturais, freguesias ou memórias coletivas. Mas também o nativo da sociedade líquida, o desarraigado, o cosmopolita sem vencelhos devesse atender mui seriamente o alerta que difunde este pequeno ensaio. Pois é o ser humano no seu conjunto, esse 'animal que fala', o que está incumbido pola mistura de ermo comunicativo e mentira generalizada que ilustra como poucos fenómenos o reinado global da mercadoria. Velhas tradiçons utópicas pensárom a emancipaçom como o renascimento da linguagem certa, da capacidade da palavra para desocultar e revelar toda cousa, em definitiva, para restaurar a verdade. Sem ir tam longe, e desmarcando-se de saídas utópicas, o sempre irritado e amargo Jaime Semprún anima-nos entre linhas a nom ceder na defesa deste bastiom, a consolidar o pouco que resta de vida em comum neste antigo fundamento. Como Levinas soubo explicar, poucas preocupaçons mais sérias podem ocupar-nos:

"A palavra, na sua essência original, é um compromisso ante um terceiro com o nosso próximo: ato por excelência, instituiçom da sociedade. A funçom da palavra nom consiste em designar um objecto para comunicar com outro num jogo que nom tem consequências, senom em que alguém assuma umha responsabilidade para com alguém. Falar é comprometer os interesses dos homens. A responsabilidade é a essência da linguagem".

A neolíngua inclui a utilizaçom dum registo libertado de toda exigência de objetividade, alheio à obriga de dizer algo exato ou coerente sobre a realidade

Bibliografia:
Yourcenar, M. *A beneficio de inventario*. Alfaguara, Madrid, 1995.
Semprún, J. *Defensa e ilustración de la neolengua*. El Salmón, Alicante, 2013.
Adorno, T.W. *Dialéctica de la ilustración / La jerga de la autenticidad*. Akal, Madrid, 2005.
Tiqqun. *Primeros materiales para una teoría de la Jovencita / Hombres-máquina: modo de empleo*. Antonio Machado, Madrid, 2012.

Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a **NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela**

Nome e Apelidos ____ Tel. ____
Endereço ____ C.P. ____
Localidade ____ E.mail ____
☐ NºConta ____
☐ Junto cheque polo importe à ordem da A.C. Minho Media

ASSINATURA

☐ Subscriçom + livro = 35 €
☐ Subscriçom anual = 24 €
☐ Subscriçom + pack bilharda = 30 €
☐ Subscriçom + duplo pack bilharda = 35 €
☐ Assinante Colaborador/a = ____ €

EM ANÁLISE

Concelho de Triacastela outorgou licença para atividade de Cementos Cosmos

EMPRESA E ADMINISTRAÇOM EVITAM AVALIAÇOM AMBIENTAL ATRAVÉS DA INTERPRETAÇOM PARCIAL DAS LEIS

Exploraçom mineira pom em perigo o jazigo arqueológico da Cova de Eirós

No mês de agosto o concelho de Triacastela, com a 'popular' Olga Iglesias à cabeça, outorgava a licença municipal para a concessom mineira 'Don Isidro' que possui a Cementos Cosmos, a qual levava vários meses com a atividade interrompida pola falta da referida licença. Ante isto, coletivos sociais denunciam que esta exploraçom, destinada à extraçom de pedra caliça, está a causar danos na Cova de Eirós, jazigo arqueológico em que aparecêrom diversos restos do Paleolítico. Critica-se também que a empresa nunca apresentou nengum tipo de avaliaçom ambiental, trámite que se evitou graças à interpretaçom da legislaçom autonómica realizada pola administraçom. A aprovaçom da licença municipal choca com o feito da proximidade com a citada Cova de Eirós e com a apertura de expedientes a esta exploraçom por parte da Confederaçom Hidrográfica e do próprio concelho de Triacastela.

A. LOPES / A Junta de Governo do concelho de Triacastela, na comarca de Sárria, concedeu neste verao à Cementos Cosmos a licença municipal que lhe permitirá manter atividade na sua exploraçom de pedra caliça, cuja concessom mineira recebe o nome de 'Don Isidro nº 6043'. Esta exploraçom encontra-se no centro dumha forte polémica polos danos ambientais e paisagísticos que causa e pola proximidade com um dos jazigos arqueológicos mais prolíficos da Galiza como é a Cova de Eirós, onde fôrom achados, em diversas campanhas arqueológicas, materiais empregados polo homem de Neanderthal, restos de animais já extintos e pinturas rupestres. Assi, diversas associaçons ecologistas afirmam que estám a ocorrer filtraçons de água que danam estas pinturas e alertam dos riscos do emprego de explosivos na contorna.

Coletivos sociais e partidários denunciárom as irregularidades detetadas no processo que desembocou na aprovaçom da licença municipal, chegando a Alternativa Galega de Esquerdas (AGE) a apresentar umha proposiçom nom de lei no Parlamento a solicitar a paralisaçom da atividade da Cementos Cosmos nesta mina, a revisom da licença recentemente outorgada e também da reclassificaçom concedida durante o governo bipartido com o que a exploraçom passou a ter um direito mineiro de secçom C. Por outra banda, a Associaçom Cultural 'O Iribio' leva fazendo um seguimento continuado dos diversos conflitos relacionados com a esta exploraçom mineira.

> O bipartido ampliara os direitos minerios da Cementos Cosmos em Triacastela

SALVEMOS CABANA

Controvérsia legal

Na redaçom da sua proposta nom de lei, a AGE indica que a licença outorgada polo concelho de Triacastela "infringe o ordenamento jurídico e deve ser revisada de ofício". No centro desta controvérsia coloca-se a disposiçom transitória décima segunda da Lei 9/2002 de Ordenamento Urbanístico, cuja última modificaçom foi consignada na Lei 2/2010 de medidas urgentes, e na qual se baseia o concelho de Triacastela para emitir a licença. Tal apartado expóm as condiçons para regularizar as exploraçons mineiras existentes e estabelece que para esse efeito se necessitará por um lado o reconhecimento administrativo da Junta sobre a existência de tal exploraçom no momento da entrada em vigor da lei 9/2002 e, por outro, a licença urbanística municipal a solicitar umha vez se tem tal reconhecimento oficial. Porém, esta legislaçom completa-se com a Instruçom 10/2011 sobre a aplicaçom da devandita disposiçom transitória e na qual se indica que nom será objeto de reconhecimento administrativo qualquer modificaçom do projeto de exploraçom posterior à entrada em vigor da lei 9/2002.

Tendo em conta tal documentaçom legal, a AGE conclui que a exploraçom da Cementos Cosmos em Triacastela nom pode ser "legalizada" ao abeiro da disposiçom transitória décima segunda, pois a autorizaçom existente a começos de 2013 permitia umha exploraçom de recursos da secçom A, correspondente a exploraçons de escasso valor económico e atividade comercial restringida, enquanto agora existe umha concessom para recursos de secçom C, que supóm umha concessom de uns 30 anos prorrogáveis e que contaria com a possibilidade de expropriar e explorar os campos vizinhos. Esta concessom, para a qual agora se outorga licença municipal, foi produto dumha reclassificaçom outorgada pola Junta em setembro de 2008.

Sem avaliaçom ambiental

A exploraçom de pedra caliça em Triacastela leva em atividade desde os anos 80 e em nengum dos trámites para as diversas autorizaçons e licenças foi fornecido um relatório de avaliaçom ambiental. Na abertura do procedimento que concluiu com a atual aprovaçom da licença municipal, o concelho de Triacastela afirmou acolher-se à disposiçom adicional segunda do Decreto 133/2008, em que se regula a avaliaçom da incidência ambiental, e na qual são excluídas de tal avaliaçom as exploraçons mineiras se nom houver nelas umha modificaçom substancial. Para os grupos opositores à atividade da mina, esta disposiçom nom pode aplicar-se ao existir a reclassificaçom de 2008, polo que a mina passava a beneficiar de direitos mineiros diferentes aos da entrada em vigor da lei 9/2002.

Por outra banda, sobre a licença aprovada polo concelho de Triacastela pesam diversos condicionantes prévios ao reinício da atividade extrativa que, segundo denuncia a A.C. O Iribio nom fôrom observados pola Cementos Cosmos, atualmente filial da transnacional brasileira Votorantim. Entre estes condicionantes estariam diversas autorizaçons prévias da Confederaçom Hidrográfica Minho-Sil, a elaboraçom de um projeto de exploraçom que se ajuste aos critérios de proteçom do Caminho de Santiago ou a apresentaçom dum 'Plano de proteçom e conservaçom do jazigo arqueológico da Cova de Eirós'. Sobre isto último, Cosmos dixo nos meios de comunicaçom que estabelecerá umha margem de proteçom de 50 metros arredor da cova.

> A Confederaçom e o Concelho abriram expedientes contra a atividade da canteira

Expedientes e impacto

Para mais, a atividade da Cementos Cosmos recebeu expedientes negativos por parte de diversas entidades. Segundo indica a AGE na sua proposta nom de lei, é "inaudito" que um concelho outorgue umha licença urbanística "em terrenos parte dos quais som objeto dum expediente municipal de recuperaçom possessória, ao considerar o próprio concelho que a empresa se apropriou de bens de domínio e uso públicos municipais". Por outro lado, segundo denunciou a plataforma Salvemos Cabana, a Confederaçom Hidrográfica Minho-Sil teria aberto um expediente sancionador contra a cimenteira em 2012 por executar sem autorizaçom o alargamento de um caminho na zona do rio Teixido. A mesma plataforma denunciou publicamente que também existe um relatório do Comité Assessor do Caminho de Santiago que desaconselha a continuaçom da atividade mineira em Triacastela devido ao impacto visual num dos troços do Caminho Francês.

A invasom de caminhos tradicionais, a atividade em zonas de proteçom hidrográfica, o perigo para jazigos arqueológicos e o conjunto de agressons numha das zonas mais singulares do país polo seu solo caliço e o seu interesse espeleológico som as denúncias centrais dos opositores à exploraçom mineira em Triacastela. Por outro lado, o repasso dos diversos trámites legais porque passárom estas instalaçons deita luz sobre a montagem legislativa que a Junta da Galiza está há tempos a elaborar para manter a atividade de pedreiras e minas no território galego.

MEDIA

Matar ou morrer, a batalha polas palavras na Palestina

AS FORMAS DE MANIPULAÇOM MAIS SUBTIS SOM, COM EFEITO, AS MAIS EFETIVAS

WINSTON SMITH / Na era da informaçom, como alguns gostam de chamá-la, a sobreabundância de notícias dá em que cada vez concedamos menos importância a cada um dos acontecimentos que se sucedem ao nosso arredor e os esqueçamos muito antes. Como um 'flash' som emitidos polos meios e como um 'flash' se apagam da nossa memória. Só assim se pode explicar que, apenas umhas semanas após o cessar-o-fogo em Gaza, algum leitor ou leitora poda achar desatualizada qualquer reflexom sobre o acontecido na Palestina. Mas a capacidade de influência na agenda pública, isto é, nos temas de interesse social em cada momento, nom é o único poder que detenhem os meios de comunicaçom hegemónicos. O uso da linguagem e o artelhamento discursivo -aspetos que nunca som neutros e sempre imlicam umha escolha ideológica- som, se calhar, as formas de manipulaçom mais subtis. E quanto mais subtis, mais efetivas.

Houvo um tempo em que as notícias falavam de "mortos" ou "assassinados" dependendo do bando em que estivesse a vítima ou o autor. Esta distinçom já nom é a norma, pois resulta demasiado evidente a olhos do público. Os meios optárom neste caso de forma maioritária polo verbo "morrer", já fosse para referir-se a palestinianos ou israelianos salvando algumha exceçom.

Sobram os exemplos na imprensa espanhola: "[...] Mohamed al Jashef, de 10 anos, morto num bombardeio ontem de manhá quando saia dum refúgio da ONU para comprar doces" (*El País*, 3 de agosto); "desde o passado 8 de julho, morrérom mais de 1.700 palestinianos sob as bombas de Israel, dos quais eram civis mais de 75%" (*El País*, 2 de agosto); ou "hoje falecérom nove membros dumha mesma família, sete deles crianças, num ataque contra umha casa em Rafah" (*La Voz de Galicia*, 22 de julho).

A diferença entre verbos como morrer e falecer e outros como matar ou assassinar é, além das cargas conotativas, que os dous primeiros som intransitivos e a pessoa que realiza a açom e a pessoa que a padece é a mesma. Assim, em *morrérom mais de 1.700 palestinianos sob as bombas de Israel*, o sujeito da oraçom é *mais de 1.700 palestinianos*, enquanto *sob as bombas de Israel* é um simples complemento circunstancial. Som os palestinianos os que realizam a açom de morrer e também os que a padecem. Diferente seria, seguindo com o mesmo exemplo, se no jornal se lesse, por exemplo, que *as bombas de Israel matárom mais de 1.700 palestinianos*. *As bombas de Israel* seriam o sujeito, as que realizam a açom de matar, enquanto os palestinianos seriam o objeto direto, os que padecem a açom, as vítimas neste caso. Ainda que poda parecer umha simples escolha lexical e sintática que em qualquer caso vem a dizer o mesmo, o certo é que cada fórmula causa umha perceçom diferente na leitora ou leitor.

> Cada ofensiva de Israel é mostrada como reaçom a um ataque palestiniano prévio

O mesmo acontece quando a imprensa usa o termo 'Israel' para se referir na realidade ao *Governo de Israel* ou ao *Exército de Israel*. Alguns exemplos som os seguintes títulos: "Israel e Hamás iniciam um alto o fogo de 12 horas em Gaza" (*El País*, 26 de julho); "Israel e Hamás intensificam os seus ataques após o fracasso da trégua" (*El Mundo*, 29 de julho) ou "Quem é o vencedor da 'guerra dos 50 dias' entre Israel e Hamás?" (*El Mundo*, 27 de agosto).

Redigindo desta maneira, dá a impressom de que o conjunto da cidadania israeliana é partícipe das açons relatadas em cada notícia. Semelha que é (todo) Israel quem participa das negociaçons, nom o seu governo, e é (todo) Israel quem lança ataques mortais contra Gaza, nom o seu exército. Esta simplificaçom interessada contrasta com o tratamento que a imprensa lhe dá a Hamás e a Gaza, entidades neste caso muito bem diferenciadas. Ainda que na maior parte dos casos seja mais correto realizar esta distinçom -pois nom é a Palestina quem negocia, senom Hamás-, ao referir-se à "guerra entre Israel e Hamás" está-se a omitir que a grandíssima maioria das vítimas palestinianas eram populaçom civil e nada tinham a ver com essa organizaçom. Nem por isso deixárom de fazer parte da guerra.

Por último, o discurso mediático foi artelhado de tal forma que cada ataque israeliano era apresentado, implícita ou explicitamente, como consequência dum ataque prévio do lado palestiniano. Assim, em notícias como "Israel intensifica a procura dos três jovens sequestrados" (*El País*, 16 de junho) ou "Morrem dous palestinianos na procura dos três rapazes israelianos" (*El País*, 22 de junho), fai-se ver que tanto a detençom de quase 200 pessoas -incluindo o presidente do parlamento e vários deputados palestinianos- como o assassinato de dous seres humanos polo exército israeliano, nom som mais que reaçons defensivas ante esse sequestro prévio. Insinua-se que há umha justificaçom.

O mesmo acontece ao intitular "Israel bombardeia Gaza após achar os corpos dos desaparecidos" (*El País*, 1 de julho) ou "Aumentam os lançamentos de foguetes na Faixa e os bombardeios sobre ela" (*El País*, 3 de julho). No primeiro, Israel bombardeia Gaza porque atopou os cadáveres dos moços. No segundo, Israel bombardeia Gaza porque Gaza respondeu com foguetes ao primeiro bombardeio. Nas notícias sempre é Israel quem reage ante umha provocaçom. Mesmo quando arrasam umha escola da ONU ou matam uns nenos que jogam futebol numha praia tenhem motivos defensivos, neste caso, ante um ataque potencial: havia terroristas no lugar.

NOTAS DE RODAPÉ

Rajoy e Cameron, juntos mais febles

Os partidários de conservar a saia escocesa de Isabel II, o seu paço de Balmoral (botim de guerra) e a elegante birreta de furom do príncipe Carlos, tivérom a brilhante ideia de chamar a sua campanha "Melhor Juntos".

Nom é que o lema do governo inglês tenha semelhança com o do PP. É copiado. Ninguém iguala na UE a furibúndia de Mariano Rajoy contra o nacionalismo escocês, ao que promete o inferno do exílio: jura vetar o reingresso da Escócia na Uniom.

Era previsível o intercámbio de cromos de Rajoy com Cameron: o ultra inglês brada contra Mas em troca das ameaças contra Escócia do fanático espanhol. O que nom estava no programa é que o governo inglês aceitasse a consulta escocesa. Rajoy nom sabe como explicar esta diferença com a sua promessa de levar o nacionalismo catalám à comissaria polo feito de convocar umha consulta democrática.

Volvem-se também contra Rajoy as diferenças na informaçom dos dous referendos. A BBC inclui (mal que lhe pese) a opiniom dos nacionalistas escoceses; RTVG, TVE e RNE censuram-na igual que fam com os cataláns.

De 37 jornais da Escócia, só o Sunday Herald é nacionalista, mas a sua opiniom tem eco na imprensa británica. A lei do silêncio espanhola contra o estado de opiniom da Catalunha nom admite exceçons. Nem sequer a da opiniom nacionalista, hóspede das páginas de opiniom de La Vanguardia: Albert Sánchez Piñol, Gregorio Morán, Enric Juliana, etc.

A reaçom dos nacionalistas contra os meios concretiza-se na campanha "Deixemos de laiar-nos contra os *media*: construamos meios próprios". Um convite que multiplica os recursos do nacionalismo escocês em todos os suportes e que recorda a opiniom que inça na Catalunha em defensa do referendo.

Este debate nom vai parar polas ameaças dum político medíocre. De facto, o Herald, na voz de Fintan O'Toole, define um nacionalismo que já está na etapa seguinte: a de definir Escócia como um Estado de mudança social radical, para além da independência que requer o concurso da naçom inteira.

CULTURA

"Os bertsos som um veículo para pormos em prática a liberdade de expressão"

CONVERSA COM EKAITZ SAMANIEGO CURIEL, BERTSOLARI

"O bertsolarismo desempenha um papel importantíssimo na recuperação do euscara"

ROSABEL CANDAL E CARLOS C. VARELA / Enquanto na Galiza a tradição dos regueifeiros parece perder-se a cada passo mais, no País Basco o bertsolarismo goza duma enorme popularidade e joga um papel fundamental na recuperação da língua e da cultura próprias. Para quando uma liga nacional de regueifas, rimas rapeadas e cantos que ajude a vitalizar o galego e ao mesmo tempo faça crítica social de jeito divertido para além dos políticos? A ideia não devera ser tão difícil de levar a cabo... Ekaitz Samaniego Curiel (Vitoria-Gasteiz, 24-1-1990) começou a trabalhar o bertsolarismo quando tinha 16 anos e participou várias vezes em recitais, atuações de sobremesa e nos campeonatos interescolares alavês e nacional. Também esteve no Campeonato Provincial de Álava e no campeonato alavês por quadrilhas. Desde o cárcere de Topas (Salamanca), onde está preso na atualidade, após ser detido em janeiro de 2012 por "pertença a Segi", Ekaitz manda "um saúdo para @s galeg@s que trabalham pola normalização da cultura e do idioma, e em especial para @s regueifeir@s que tentam dar continuidade à riqueza que supõem as tradições orais dos nossos povos".

Conta-nos um pouco a origem do bertsolarismo e o seu enraizamento em Euskal Herria.

No século XV já era uma prática arraigada na comunidade basco-falante. As referências escritas às damas improvisadoras no verso e as duas citas relacionadas com o bertsolarismo do Foro velho de Biscaia (1452) sobre as carpideiras e sobre o gênero satírico que desenvolvem as mulheres nas feiras e noutros eventos são mostras da presença social que já tinha daquela.

Desde então, essa tradição não deixou de estar presente no nosso povo, embora a evolução do território que foi abrangendo o euscara foi assinalando também os limites geográficos da atividade bersolaritza. Durante séculos, o bertsolarismo desenvolveu-se no gênero escrito, que polo seu jeito de produção parece-se mais à literatura lírica; e também no próprio bertsolarismo improvisado, estreitamente ligado à tradição oral basca. Hoje, costuma-se denominar bertsolari a quem improvisa bertsos, a diferença doutras épocas em que ao escritor também se lhe chamava assim.

A partir do s. XVIII começamos a encontrar um corpus bertsolarístico importante e já no s. XIX estão melhor documentados os nomes e dados biográficos e peças censuradas. As peças são na sua maioria bertsos não improvisados, escritos ou ditados polos seus autores e denominados bertso-jarriak.

A primeira referência documentada do bertsolarismo improvisado é de 1802. Nela, constata-se que o formato habitual eram os desafios entre dous. Podiam durar horas e chegaram a juntar até 4000 pessoas. Em 1935 teve lugar o Primeiro Campeonato Nacional, com grande sucesso e depois veio a parada produzida polo alçamento franquista, guerra civil e posterior regime ditatorial. Desde os anos 60, começa-se a construir uma base documentada importante dos bertsos improvisados e começa-se a dar a mudança da primacia do bertsolarismo escrito para a que há acabar tendo o improvisado. O facto de que nesses anos se recorresse ao bertsolarismo como elemento impulsor da debilitada cultura basca, é uma mostra do importante que era esta tradição e o arraigada que estava na sociedade basca.

Tu és de Araba, uma zona onde o euscara perdera muito terreno. Que papel jogou o bertsolarismo na recuperação do idioma entre a gente nova?

Jogou um papel importantíssimo na promoção e a recuperação do conhecimento e emprego do euscara. Do mesmo jeito que não podemos desligar o pulo do bertsolarismo em Araba do acordar da consciência em favor da nossa língua, também não podemos falar do trabalho pola promoção do bertso sem falar do trabalho pola normalização do euscara.

Até os últimos anos do franquismo, havia mais de dous séculos que o euscara desaparecera da nossa província (salvo algumas zonas do Norte). E daquela o movimento euskalzale (pro-euscara) começa a acordar em Araba. É em 1981 quando se junta um grupo de pessoas para cantar bertsos em Aiara. Em 1982, animado por um grupo de gasteiztarras (vitorianas/os), Abel Enbeita, conhecido bertsolari de Muxika, dá começo à primeira bertso-eskola em Gasteiz. Do movimento conjunto acaba derivando o primeiro campeonato de bertsos em Araba, em 1984.

Aqueles pioneiros do bertsolarismo alavês, que eram em muitos casos euskaldunberris (pessoas que não aprenderam o idioma na casa, mas em ikastolas ou por iniciativa própria de adultos), com muito mérito, passaram de fazer grandes esforços para aprender a língua a pôla a dançar com os bertsos. Estes elementos dão os seus frutos e, na última década do s. XX, criaram-se escolas do bertso em quando menos três vilas e começou-se a tecer a rede de bertsolarismo alavês. A associação de Amig@s do Bertso (Euskal Herriko Bertsozal Elkartea) também se organizou na nossa província e criou-se Arabako Bertsozale Elkartea.

Deram-se grandes passos na recuperação do euscara em Araba, embora reste muitíssimo por fazer. O conhecimento da língua cresceu, mas a tarefa mais difícil que há assegurar a supervivência do idioma vai ser atingirmos que os nossos bairros e vilas tornem a viver em euscara, e que as relações se teçam no fio da nossa língua.

O bertso foi e é um elemento de muito potencial na consecução destes retos, já que por ser uma disciplina que se desenvolve unicamente em euscara, vira-se uma mostra do potencial e da vitalidade do idioma e da própria cultura basca.

O trabalho polo bertso em Álava é um bule-bule. Organizam-se 150 recitais ao ano, há escolas de bertso em 13 vilas em que perto de 200 pessoas de todas as idades se repartem em 29 grupos. Aliás, conseguiu-se uma importante presença na educação formal e ensina-se o bertsolarismo em 41 centros educativos, com o que se faz chegar o idioma duma maneira atrativa a por volta de 2200 crianças da província. A associação também levou a cabo esforços constantes centrados em chegar às zonas mais castelhanizadas. Também se fai um programa de rádio em Hala Berdi e a associação e as escolas de bertso têm presença na rede.

Os bertsos costumam ter conteúdo social? Houve repressão contra eles?

É muito habitual que os bertsos contenham temas de atualidade, sociais, políticos, sexuais, culturais, referentes ao contexto em que se está a improvisar... É um veículo para pormos em prática a liberdade de expressão e por dar-se num povo oprimido tem que reafirmar-se nos seus sinais de identidade para sobreviver. É lógica a presença de textos de denúncia e crítica diante da imposição, de sátira dirigida aos governantes desde as capas populares...

O bertsolarismo sofreu a repressão por parte do Estado espanhol. Depois de ser em 1935 e 1936 o primeiro dos Campeonatos Nacionais, após o alçamento fascista vieram tempos muito difíceis para as províncias "traidoras". A opressão do povo e do idioma foi terrível e todo reflexo de identidade basca foi esmagado. De facto, José Ariztimuño "Aitzol", o sacerdote que pulara polos primeiros campeonatos, foi fuzilado em Hernani em 1936.

A partir de metade dos anos 40, o bertsolarismo é a única atividade em êuscara tolerada polo franquismo. De todos os jeitos, não podiam cantar em público sobre o que quisessem e contar o ocorrido poucos anos atrás ou a opressão que se sofria em Euskal Herria.

Não foi até finais dos anos 50 quando a Academia da Língua Basca, Euskaltzaindia, voltou a apostar por ligar com bertsolaris e pular polas atuações públicas, os campeonatos provinciais... Em 1960 de novo teve lugar o Campeonato Nacional. O sentimento de opressão e a emoção que se sentia diante de qualquer prática que pusesse em valor a cultura basca estava muito presente.

Hoje ainda não se pode falar de que a prática bertsolarística seja totalmente livre. Mantem-se um processo penal aberto contra dous bertsolaris da minha cidade, por cantarem num ato de homenagem a familiares de presas e presos políticos bascos em Julho de 2012.

Surpreende ver as imagens multitudinárias do Campeonato Nacional de Bertsolaris. Que supõe esse evento para vós?

Fitos como as finais do Campeonato Nacional de Bertsolaris (Euskal Herriko Bertsolari Txapelketa) , organizado desde 1986 cada quatro anos pola Associação de Amigas/os do Bertsolarimo (Euskal Herriko Bertsozale Elkartea, até 1995 Associação de Bertsolaris) e que nas últimas três edições congregou 15.000 pessoas em Barakaldo, demonstram que o bertsolarismo improvisado é um fenômeno próspero. Para a comunidade do euscara e para o mundo do bertsolarismo constitui um grão orgulho e um incentivo para continuar a trabalhar quotidianamente nos níveis mais locais para fortalecer a nossa cultura.

Eu tive a oportunidade de estar nas finais de 2005 e 2009, além de estarrecer de emoção várias vezes, a sensação que guardo com mais carinho é a de participar num ato coletivo de características tribais de amor e autoestima. Mais ainda quando hoje ainda carecemos das ferramentas objetivas necessárias para assegurarmos a sua boa saída para o futuro.

A tradição dos bertsos improvisados encontrou-se dalgum jeito com rimas modernas como as do rap?

Há alguns anos que se vêm misturando ambas as disciplinas, através dos elementos em comum, como a rima ou mesmo a tendência à temática social. Houve diferentes projetos que deram numerosos recitais de bertso-rap ou bertso-hop, em que os bertsolaris choutam às bases sem estrutura métrica prefixada do rap ajudados polos MC-s. Mesmo chegamos a incluir o bertso-rap nos recitais de bertso "normais", sem rapeiros, simplesmente pondo a base instrumental e cantando sobre ela. De facto há bertsolaris que acabaram dando o salto e criando grupos de rap em euscara. É uma mistura interessantíssima que pula tanto polo bertsolarismo como polo hip-hop. Une o primeiro a um fenômeno moderno e o segundo a uma tradição oral arraigada no nosso povo e à própria língua.

Entre os grandes bertsolaris conta-se um de origem galega, Xabier Silveira. Que reconhecimento têm na Euskal Herria atual os bertsolaris?

Xabier Silveira é um bertsolari de Lesaka (Navarra), muito conhecido em toda Euskal Herria polas suas numerosas participações em recitais do bertsolarismo por todo o território e por ser campeão de Navarra e participante no Campeonato Nacional em várias ocasiões e, além disso, polo seu estilo de canto retranqueiro e de intervenção.

As e os bertsolaris converteram-se em muitos casos em personagens conhecidos da cultura basca a nível nacional ou mais local. É habitual a presença de improvisadores em programas televisivos e radiofónicos ou como colaboradores na imprensa escrita, é raro o ato social em que não participam.

A gente respeita muito o seu labor nos recitais e campeonatos e cria-se uma formosa relação comunicativa entre eles e o público. O facto de criar um produto cultural em euscara e a tentativa que hoje realizam bertsolaris para provocar emoções apegadas ao contexto fazem que esta tradição toque fundo em Euskal Herria.

Avançou-se na presença de mulheres dentro do bertsolarismo?

Observarmos nos documentos do s. XV que a mulher jogava um papel importante no bertsolarismo, mas depois desaparece como sujeito ativo público e a hegemonia que nos séculos posteriores teve o bertsolari varão pode dar a pensar que era uma prática somente realizada por homens. Nas últimas décadas, desde a geração de 70, não parou de crescer de forma destacada a presença ativa e pública das bertsolaris. Porém, não se pode falar de que tradicionalmente não houvesse bertsolaris mulheres, sempre as houve.

O encerramento no lar e a dedicação à criança faz com que durante séculos a mulher estivesse afastada de todo protagonismo na esfera pública. As mulheres bertsolaris não adquiriram nem a luz nem os taquígrafos que sim tiveram os homens. Sempre houve mulheres que abriram caminho num entorno hostil, mas não chegaram a receber a atenção que tiveram os seus homólogos masculinos e, de certo, a sua atividade bertsolarística ficou no seio da família.

Cumpre sublinharmos o papel que até nas épocas de maior repressão contra a cultura basca jogaram as mulheres em Euskal Herria, na transmissão oral da nossa cultura em geral e da memória bertsolarística em concreto.

Embora reste muito trabalho por fazer, deram-se grandes passos e a participação da mulher no bertsolarismo cresceu sem pausa nas últimas três décadas e há muitas mulheres que são referentes. No caminho que vai desde a primeira participação duma mulher num campeonato (Cristina Mardaras Sedun, em Láudio (Álava) em 1986 numa eliminatória para o Campeonato Nacional) até a final do Campeonato Nacional de 2009 em que Maialen Lujanbio foi a primeira mulher em ser campeoa de Euskal Herria, avançou-se muito. Conseguiu-se cortar a reprodução do modelo de bertsolarismo clássico em que o homem era hegemónico. A mudança no bertsolarismo pode ser um reflexo dos avanços que se deram em geral e pode produzir um efeito pedagógico na sociedade onde ainda resta muito que lutarmos para acabar com os profundos sinais de identidade patriarcais que perduram.

DESPORTOS

GALIZA CAMPEOA ESTATAL FUTEBOL PRAIA

Novo sucesso da Irmandinha de futebol praia. No torneio das Palmas de Gram Canária, a seleçom feminina atingiu o segundo campeonato estatal consecutivo. No jogo decisivo, Galiza, treinada por Pilar Neira, superou a Balears por 4-3, e conseguia o título.

XAVIER GOMEZ TETRACAMPEOM MUNDIAL

O triatleta Xavier Gómez acrescenta a sua lenda ao somar mais umha coroa mundial em 2014. Gómez continua a acumular títulos e recordes, e umha regularidade nunca antes vista na sua disciplina: desde o ano 2007 nom desceu do pódio no mundial.

O sorriso do ciclista

PEDRO PEOM /As tardes de agosto em Viseu som quentes, a gente fica em casa e nom sai até o sol descer e a calor amainar. No entanto, no 18 de agosto de 2013 a calor nom era quem de impedir rios de gente a abarrotarem a praça da vila baixo um sol que abrasava. A multidom ficava à espera da última etapa da 75ª Volta a Portugal em bicicleta que Álejandro, ou Álex, Marque (A Estrada, 1981) ia vencer por diante de Gustavo César Veloso (Vila-Garcia, 1980) por apenas quatro segundos. Mas na última ediçom da Volta a Portugal, em agosto deste ano, foi Veloso quem ficou no mais alto do pódio por diante de António Carvalho e Delio Fernández (1986), moanhês companheiro de equipa de Veloso. Álex Marque está ao pé do pódio. Sorri, apesar de nom ter repetido o trunfo do ano passado, enquanto abraça a um emocionado Veloso. Mas a felicidade de Marque nom só é fruto do trunfo dum amigo; Álex também está contente por umha outra vitória, a sua, ainda sem ter dado umha soa pedalada nessa Volta. Alegria por ter vencido um longo pesadelo do qual demorou mais de oito meses em acordar e por estar aí, no pódio do fim da Volta a Portugal de 2014, como orgulhoso vencedor da ediçom anterior.

Álex Marque apenas tinha acordado do pesadelo uns dias antes, o 1 de Agosto de 2014. Um pesadelo que antes foi sonho. O sonho daqueles inconscientes que querem ser ciclistas, um sonho que começa quando és criança e olhas na televisom as etapas do Tour, entre sestas e calores estivais. Um sonho que vai medrando aos poucos, passinho a passinho: primeiro sonhas com ter a bici de carreiras e correr na equipa da vila; depois pensas, quase sem querer, em poder chegar a profissionais, ser ciclista de verdade; umha vez tenhas demostrado as tuas qualidades sofrendo na bici e umha vontade de ferro, se calhar sonhas com correr numha equipa profissional, e com ganhar etapas, umha volta, correr o Tour, ganhá-lo... quem sabe.

> No ciclismo há classes: as 'superestrelas' nom ficam na rua só por suspeita de 'doping'

Marque foi umha dessas poucas crianças que começou sohnado com umha bici e finalmente conseguiu fazer realidade muitos dos seus sonhos como ciclista. O último deles, ter um bom contrato profissional com a Movistar, umha equipa da elite mundial, nom o conseguiu: roçou-no, palpou-no, foi umha ilusom que apenas durou umhas poucas semanas.

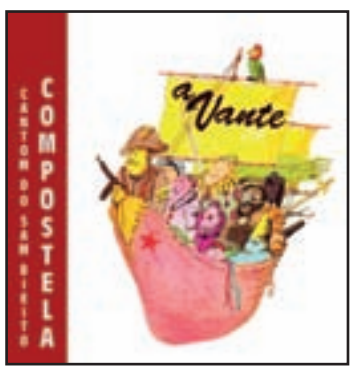
O contrato sonhado tornou-se um pesadelo a finais de 2013. Concretamente o 13 de dezembro, quando o jornal *El País* publicava umha notícia em que anunciava um resultado positivo (por utilizar betametasona, um corticoide proibido) num controlo *antidoping* da Volta a Portugal. Carlos Arribas, o jornalista que assinava a peça, apresentava como fonte direta a equipa Movistar mas, surpreendentemente, nom o corredor. A equipa Movistar, transcrevia Arribas, faria efetiva umha cláusula do contrato em que este deixaria de ter valor de forma imediata sempre que o ciclista tivesse algum "problema". A UCI (Uniom Ciclista Internacional), prosseguia Arribas, enviara o expediente à RFEC (Real Federaçom Espanhola de Ciclismo) para que investigasse o assunto. Já no final da notícia o jornalista transcrevia parte das declaraçons que tinha feito Marque nesse mesmo dia através dumha nota de imprensa enviada à agência EFE; Arribas nem se molestou em perguntar diretamente a Marque.

Nessa nota, e na conferência de imprensa posterior, Marque afirmava que dispunha de prescriçom médica e da autorizaçom da UCI - que lhe outorgou umha AUT (Autorizaçom de Uso com fins Terapêuticos) para a toma da betametasona por causa de problemas inflamatórios num joelho. Marque também indicava que, no mesmo dia do controlo *antidoping*, comunicara ao comissário encarregado que tinha tomado um produto considerado positivo, porém, também deixara escrito no formulário do controlo que dispunha da preceptiva AUT da UCI para tomar o produto.

Porém, as explicaçons e documentos que Marque achegou nom servírom de nada, a decisom estava tomada: no mesmo dia em que se publicava a notícia, o Movistar rescindia o contrato de forma imediata e irrevogável. Desde esse dia Álex Marque ficava sem equipa e começavam para ele oito meses de pesadelo cheios de desesperaçom, injustiça e impotência.

Muitos ciclistas tenhem passado por esse pesadelo nos últimos anos, entre eles o seu paisano Ezequiel Mosquera. No entanto, no ciclismo, como na sociedade, também há classes. Primeiro está a *elite* composta das *superestrelas:* um par de dúzias de corredores com contratos milionários sobre os que descansa parte do sucesso das equipas. Quando um destes ciclistas tem algum "problema" -supostos casos de *doping* ou alteraçons sem motivo no seu passaporte biológico-, nom ficam na rua e nom som vilipendiados de forma imediata. No pior dos casos as suas equipas deixarám-nos a um lado até a tormenta amainar e daí a pouco voltarám competir como se nada tivesse acontecido; tal foi o caso de ciclistas como Alessandro Petacchi, Fränk Schleck ou Ivan Basso. No melhor dos casos tanto as suas equipas como a UCI permitiram-lhes continuar a competir, as instituiçons desportivas defenderam-nos e os meios de comunicaçom promoverám campanhas no seu favor porque som *heróis maltratados* por umha *injustiça* ou simplesmente "porque nos tenhem inveja"; este último é um dos argumentos mais utilizados da "marca Espanha". Alberto Contador e Alejandro Valverde formam parte deste grupo de *heróis maltratados*.

Mas existe umha outra classe, a dos *gregários*. Desta classe *gregária* faz ou fijo parte a prática totalidade de ciclistas galegos. Ao contrário do que acontece com os da *classe elite*, estes ciclistas som imediatamente apartados -ou simplesmente despedidos- polas suas equipas, a UCI e as federaçons proíbem-lhes competir enquanto dure o processo de inquérito e os meios descarregam sobre eles toda a sua fúria acusando-os de fazerem batota e de serem traidores. Estes corredores servem de exemplo do "a sério" que as autoridades e as instituiçons tomam a luta contra o *do-*



CONTINUA O DOMÍNIO GALEGO EM PORTUGAL

O ciclista galego Gustavo César Veloso conquistou a Volta a Portugal 2014, e o seu companheiro, Delio Fernández foi terceiro. Nos últimos sete anos, seis ediçons da Grandíssima fôrom ganhadas por galegos: David Blanco (4), Alex Marque e Veloso, o que referenda a enorme potencialidade do ciclismo da terra apesar da falta dumha equipa galega profissional.

IV OLIMPÍADAS POPULARES GALEGAS

A cita desportiva anual dos movimentos sociais galegos desloca-se este ano até o Baixo Minho, e a aldeia da Canosa, no concelho do Rosal, vai acolher a quarta ediçom que será realizada nos dias 13 e 14 de setembro. Entre outras novidades a organizaçom avança que pola primeira vez as crianças vam ter as suas próprias Mini-Olimpíadas.

ping. A eles aplicam-lhes a tolerância zero que nom se atrevem a aplicar aos corredores da *classe elite*. Pouco importa que alguns deles fossem injustamente acusados e ficaram exonerados quando o processo de inquérito chegou ao seu fim. Som danos colaterais.

Marque foi um desses ciclistas. Afortunadamente para ele o pior do pesadelo finalizou no dia 1 de agosto de 2014, quando a UCI e a RFEC arquivárom o caso dando a razom ao ciclista galego. Porém, continua sem ter contrato com umha equipa profissional -compete desde Junho com a SuperFroiz, umha equipa amadora galega- e o futuro nom é precisamente prometedor: há muitos ciclistas a quererem ser profissionais e mui poucas vagas nas equipas, quer dizer, muita oferta de corredores e baixa demanda das equipas. A esta *combinaçom* apenas falta acrescentar a histórica falta de solidariedade entre ciclistas -sempre há gente disposta a competir com um salário paupérrimo ou mesmo grátis- e já temos o que uns chamam mercado de trabalho *flexível* e outros exploraçom laboral. Este é o panorama no ciclismo profissional da Península Ibérica.

Um panorama que tivo um momento doce e de certo esplendor para os ciclistas galegos com a criaçom da única equipa ciclista profissional galega, a *(Karpin) Xacobeo Galicia*. Paradoxalmente Marque foi um dos poucos ciclistas galegos que nunca formou parte dela. Apesar dos erros cometidos por patrocinadores, impulsores políticos, diretores e ciclistas -em verdade, nom pintava nada bem um projeto que nascia da combinaçom da especulaçom urbanística, um diretor desportivo com um passado ligado a vários casos de *doping* e umha Governo "progressista" cujo maior interesse era publicitar o jacobeu e tirar rédito político-, a equipa ciclista galega tivo várias cousas positivas. A primeira foi que por primeira vez muitos ciclistas galegos pudérom dar o salto ao profissionalismo numhas condiçons bastante dignas. Nunca houvo tantos ciclistas profissionais galegos como quando existia a Xacobeo Galicia. Porém, a mais importante foi que espertou umha paixom escondida, umha ilusom inesperada polo ciclismo e polos corredores da Terra; surpreendia ver nas estradas a milheiros de pessoas a animarem os ciclistas galegos. Também era surpreendente que nom fosse umha equipa de futebol, mas umha equipa de ciclismo a que gerasse tanta emoçom e alegria! É por isso que a sua desapariçom foi umha grande tristeza. O que conhecemos depois -*doping*, dívidas, traiçons...- tornárom a tristeza numha sensaçom de traiçom e de funda desilusom. Por sorte ou por desgraça Marque nom fijo parte da Xacobeo Galicia.

O caso de Álex Marque é o paradigma do ciclismo atual. Umha simples notícia ou rumor converte o herói em traidor, a gesta em batota, a paixom em desilusom e a credulidade em desconfiança. Pagou cara a sua inocência: perdeu um dos seus últimos anos como ciclista e ficou sem equipa perante um futuro pouco prometedor.

O outro elemento que define o ciclismo atual é o cinismo e a hipocrisia. Enquanto um ciclista galego era acusado injustamente de doping, várias instituiçons galegas ficavam mudas e esbanjavam o dinheiro público em trazer a Vuelta a Espanha à Galiza, mais umha vez. Alegam a dificilmente quantificável rendibilidade do acontecimento baixo o repetido mantra da promoçom turística mundial. Com o dinheiro que se nos leva estafado aos cidadáns em trazer a Vuelta a Espanha nos últimos anos, dava para criar um pequeno projeto de equipa ciclista limpa que levasse o nome de Galiza polo mundo adiante.

Traínhas: a temporada chega ao fim

ISMAEL R. SABORIDO / Já entrado o mês de setembro, pode-se fazer um balance positivo para as trainheiras galegas. Quando apenas restam por vogar as duas últimas jornadas de liga San Miguel, as duas embarcaçons galegas da liga, estám assentadas na parte meia da tabela, Cabo da Cruz quarta e Tirán sétima, portanto vam continuar mais um ano na máxima categoria. Tirán acusou as baixas acumuladas durante as ultimas temporadas e nom conseguiu manter o nível dos últimos dous anos. Assim como nas temporadas 2012 e 2013 atingiu a quarta e quinta vaga respetivamente, além de conseguir a vitória em duas bandeiras, este ano luita com Portugalete pola sexta vaga. Entretanto, Cabo da Cruz, acabava de ascender e chegava com o objetivo inicial de evitar as duas últimas vagas na geral para manter a categoria, estabeleceu-se contra todo prognóstico no turno de honra. Faltando duas provas pontuáveis para finalizar a temporada, pode conseguir o quarto posto da geral, o seu melhor posto nesta competiçom.

No que se refere à liga Galega, Samertolameu de Meira revalidou o título de campeom de liga e vai disputar mais um ano o play-off de ascenso à Liga San Miguel junto com Amegrove, que finalizou na segunda posiçom. Como era previsível, os de Moanha ganhárom com claridade a liga e figérom-se com dez das treze bandeiras em jogo, só superado polos remeiros de Ogrobe nas três regatas restantes. O resto de embarcaçons estivérom muito longe de fazer-lhe frente a estas duas trainheiras, sendo finalmente a tripulaçom de Mugardos a terceira classificada. Para os da ria de Ferrol, este terceiro posto implicou ter o direito de poder participar por primeira vez na regata classificatória da Kontxa.

As duas embarcaçons galegas, Meira e Amegrove, vam vogar contra as guipuscoanas de Getaria e Zumaia e a cántabra de Astillero, décimo primeiro classificado da liga San Miguel, que vai tratar de manter a sua vaga. Tendo como única referência a regata classificatória para a Bandeira da Kontxa, disputada no passado quatro de setembro, os remeiros de Meira saem com claras opçons de ascender, já que venceu com solvência a três dos seus quatro rivais. Se repetir o resultado no play-off, vai conseguir a ansiada vaga e a Galiza terá novamente três representantes na elite do remo dez anos depois.

Na categoria feminina, os resultados fôrom mais modestos que nos anos anteriores. Meira, a única embarcaçom galega que conseguiu participar na liga Euskotren tivo que conformar-se com a quarta e última posiçom, e na Bandeira da Kontxa, nengumha das duas trainheiras galegas, Meira e Cabo da Cruz, entrou entre os quatro primeiros postos que davam direito a remar na final. Estes resultados sabem a pouco, pois as embarcaçons galegas tinham dominado as trainheiras femininas desde que no ano 2008 as mulheres remárom por primeira vez na bandeira da Kontxa. Há que lembrar que as galegas vencêrom nas cinco primeiras ediçons de maneira consecutiva.

TEMPOS LIVRES

CRIANÇA NATURAL

Levar os nossos bebés num abraço constante é um prazer

MARIA ÁLVARES / Paula Vázquez é o nome que se esconde por trás de "Colo de mae". Umha iniciativa que nasce em 2013 após ter sido mae da sua segunda filha. Com Colo de mae, Paula assessora as famílias sobre como transportar os bebés, a lactaçom e a criança. Com ela falamos da forma de porteio, a "melhor ferramenta" para que as nossas crianças saltem ao mundo, mas também para sentirmo-nos fortes como maes e mulheres..

Como nasce Colo de mae?
Quando soubem que estava grávida da minha segunda filha apostei numha mudança de vida, deixei de lado a mina vida profissional porque queria estar mais tempo com as nenas, pois a conciliaçom resultava-me mui complicada. A partir dumha formaçom especializada em criança e maternidade sobre a importáncia do contato entre a mae e o bebé, fum, sem reparar, encaminhanda para o empreendimento. Nestas formaçons soubem da importáncia do porteio para as necessidades das crianças, e dos diferentes porta-bebés. Nasceu Colo de Mae, que inclui as bases da postura fisiológica: costas em C e pernas em M. Aliás som as iniciais das minhas filhas: Celia e Maria. Encontrar o nome resultou revelador ao cair nesta casualidade!

Que supom o porteio?
Quando comecei a ensinar a usar os porta-bebés, reparei em que cada vez eram mais as famílias interessadas em levar as crianças em contacto com o seu corpo. Eu mesma retomei o porteio com a filha mais velha. Reparei em que esta prática podia ser muito prazenteira. Aí está a chave de se retomar o porteio na atualidade: é um gosto levar os bebés coladinhos a nós, num abraço contínuo, cheirando-nos a pele, escuitando mutuamente os latejos e procurando o calor.

Podes falar-nos dos benefícios, comprovados cientificamente, para as nossas filhas?
Ao praticarmos o porteio levamos as crianças nas condiçons mais parecidas às do útero materno e, tendo em conta que a cria humana tem um nascimento fisiológico prematuro, este resulta tremendamente beneficioso para o seu desenvolvimento. Nils Bergman, médico que promove um tipo de cuidados neonatais, os cuidados mae canguru, di que os primeiros 1000 minutos de vida condicionam a existência. Todo o que precisa um recém-nascido está no colo materno: alimento contínuo, proteçom e temperatura constante. Estas necessidades evoluem, mas continuam presentes muito mais tempo do que pensamos. Um becerrinho recém-nascido pode caminhar, mas as nossas crias nom, por isso aguardam ser levadas até poderem deslocar-se polo seu próprio pé.

O porteio favorece o aleitamento, já que as feromonas -necessárias para isto- ponhem-se em funcionamento no contacto pele com pele. Também ajuda para o funcionamento do sistema respiratório, que nos bebés é mui imaduro e nom tem frequência. Está demonstrado que a posiçom canguru e o contato pele com pele estabilizam a oxigenaçom (cousa que nom consegue a incubadora com as crianças prematuras).

Aliás, o porteio ajuda na ativaçom da circulaçom através do contacto pele com pele. O movimento contínuo, os pequenos saltos e o balanceio experimentados polas

crianças ao serem porteadas favorece o sistema propioceptivo e vestibular que estám relacionados com o equilíbrio, controlo postural, tom muscular, nível de alerta... Poderia continuar a falar dos seus benefícios, mas tendo em conta as aportaçons da minha colega Vega Acenha (logopeda e assessora de porteio), o porteio é "estimulaçom continuum". Todo o que precisa um bebé para desenvolver-se de forma saudável e adequada pode ser fornecido através do porteio. A Vega também di que ajuda muito na socializaçom e na adquisiçom da linguagem, pois as crianças porteadas tenhem um mundo apaixonante por diante para ser descoberto na tranquilidade e segurança do colo da mae ou do pai.

E os benefícios para os pais?
O maior benefício é o vínculo, e este vai supor maior bem-estar para toda a família. Ter a criança perto ajuda a satisfazer imediatamente as suas necessidades, e ao sabermo-nos capazes de acompanhar e ajudar os nossos bebés a nossa segurança medra dia após dia. Sentirmo-nos seguras, ajuda a que incorporemos as nossas crianças na vida social dos adultos: nom tememos as suas reaçons próprias da idade e damos-lhes o que precisam: amor e proteçom.

Há famílias que contam que inclusive deixam de ter dores musculares, e ajuda a fazer um exercício continuado e progressivo. Além do prático de sair da casa sabendo que nom nos vamos encontrar com barreiras pelas quais nom passam os carrinhos. Com o porteio chegamos a onde queremos!

Sentiches-te algumha vez julgada socialmente por portear?
Há gente que olha com estranheza, e há pessoas que algumha vez tivérom de ouvir algum comentário desagradável. Na nossa vila, quando ia com a minha filha maior nom porteava quase ninguém, assim que chamava a atençom.

Eu quando porteio sinto-me mui forte e segura como mae e como mulher. A felicidade deve ser tam evidente que ninguém se atreve a estragar-me o dia! Mas a verdade é que encontrei mais sorrisos de cumplicidade que maus gestos.

Tedes investigado sobre esta prática: onde surde ou por que é comum em sociedades diversas?
Sabemos que o porteio nom é nada novo. Agora muita gente associa-o com África, mas até a era industrial nom existiu o carrinho e os meninos nom se deixavam nas casas sozinhos enquanto a gente fazia a vida. Nalgumhas zonas de Castela usavam os mantons para portear e na Galiza, nom há tanto tempo levávamos as meninas em cestos carregados pola mae para atendê-las quando precisarem.

Nos países asiáticos som mui comuns os mei tais que também servem para levar adultos enfermos. Nalguns países da Africa também chegárom a esta soluçom de porteio, e noutros está o pano africano ou kanga que também serve para vestir-se. Na América do Sul o mais frequente é o porteio na cadeira usando os " rebozos". Todas soluçons que permitem trabalhar sem deixar de atender o bebé. O de ter cinco elementos -berço, maca, maxi coxi, carrinho- para levar a criança é algo muito moderno!

ENTRELINHAS

SOGAMA E O REALISMO MÁGICO

C.C.V. / Passaram as festas do Carmo em Cerzeda, já quase era de dia, e um festeiro incombustível, dos que cantam às orquestras o "se nom tocades outra, queimamos-vos o camiom", sentenciou sem imutar-se: "isto é Sogama & Modorra". Entre Ordes e Bergantinhos o realismo mágico torna-se sujo, as mouras trabalham em prostíbulos de estrada e a Santa Companha perde-se entre vertedoiros e minas de lignito. A modernidade, que tanta fartura nos prometera em troca de renunciarmos à tradiçom, deu num beco sem saída cheio de merda, de lixo eletrónico, um fracasso que nem tem a épica da derrota. Desde a imaginária paróquia de Gundril, e a cavalo entre Cunqueiro e Raymond Carver, Ramón Vilar Landeira (Rodis, 1973) radiografia os restos deste choque: um corpo lesionado que se nega a abandonar o partido; umha resistência vegetal.

A rajada de flashes que componhem Os televisores estrábicos caracterizam-se, além de polo domínio da cultura popular e a sua linguagem, por um estilo claro e direto, com certeza forjado no exercício do jornalismo. Ramón Vilar, diretor durante anos de Vieiros, explica que muitos destes relatos "som a cara B da notícia, essa que nom aparece quase nunca nos titulares"; (e é que se Julio Cortázar nos prevenia das pessoas que começam por baixo o dentífrico, Moncho Vilar adverte-nos de que há jornalistas que bebem Coca-Cola light). O último relato do livro, "Diario de Caión", encerra metaliterariamente o conjunto, dando-lhe unidade: como umha personagem de Richard Ford, um recém-divorciado no desemprego, um derrotado tranquilo, refugia-se em Caiom para escrever os relatos que conformam o livro. Por eles desfilam atracadores sem vocaçom, heróis dos campos de terra que nom rematam no Dépor senom na heroína, indígenas à procura do calor em mantas elétricas, emigrantes na cidade e na Suíça, mitologias locais de matraquilho e truiteiro... Tudo com o pano de fundo da miséria moderna, e da exploraçom tornada atmosférica, como o fume de Meirama. Mas o partido nom rematou, e como di Moncho, "Nom há mais que umha vida e há que vivê-la de pé".

Os televisores estrábicos.
Ramón Vilar Landeira. Vigo.
Xerais. 2014.

QUE FAZER

16.09.2014 / MERCADO ENTRE LUSCO E FUSCO / 17:00 no parque de Belvis. COMPOSTELA
Feira de produtos locais, biológicos e de comércio justo. Todas as terças-feiras.

16.09.2014 / PROJEÇOM DE *A ESTRADA*, DE JOHN HILLCOAT / 19:30 no salom de atos do Ateneu Ferrolano (Rua Magdalena, 202-204). FERROL
Dentro do ciclo 'Novos Medos'.

16.09.2014 / PALESTRA SOBRE A SITUAÇOM NA UCRAÍNA / 20:30 na livraria Andel (Avenida das Camélias, 102). VIGO
Falará Óscar Valadares. Organiza o coletivo Mar de Lumes dentro das suas 'Jornadas solidárias com a Ucraína antifascista'.

17.09.2014 / APRESENTAÇOM DO LIVRO 'CONTOS DO MAR DE IRLANDA' / 20:00 no Museu Provincial (Praça da Soidade, s/n). LUGO
Com a presença do autor, Xurxo Souto. Organiza a A.C. Cultura do País.

17.09.2014 / PROJEÇOM DE *STONE OF DESTINY*, DE CHARLES MARTIN SMITH / 20:30 no C.S. Gomes Gaioso (Rua Marconi, 9 - Monte Alto). CORUNHA

18.09.2014 / REPRESENTAÇOM TEATRAL: *FALANDO CLARO*, DE PEPE SENDÓN / 20:30 no salom de atos do Ateneu Ferrolano (Rua Magdalena, 202-204). FERROL

18.09.2014 / XI FEIROM MARINHEIRO 'A FESTA DE 1914' / 11:30 na vila marinheira. RIANJO
Feira de produtos do mar, com obradoiros, animaçom e outras atividades.

18.09.2014 / SESSONS H.A.L.O. IMPRO VIGO / 22:00 no bar Bizarre (Rua Irmandinhos, 11). VIGO
Com Elena Vázquez Ledo (violino), Pablo Seoane (piano) e Saúl Puga (contrabaixo).

19.09.2014 / 3º FESTIVAL ALTERNATIVO RIANJO ON FIRE / 21:30 na explanada do Auditório. RIANJO
Atuam Marching Trees, Desarraigo ou Amalgama. Entrada gratuíta.

19 e 20.09.2014 / SON RÍAS BAIXAS / À noite em Cabo Udra. BUEU
Organiza a associaçom Troula na Banda. Atuam Goran Bregovic & The Wedding and Funeral Orchestra, Reincidentes, Aphonnic ou The Soul Jacket.

PONTE VEDRA, COMPOSTELA, VIGO E AMES

As escolas de música e dança tradicional abrem o prazo de matrícula para o novo curso

Diferentes associaçons culturais e escolas de música centradas nos instrumentos e danças tradicionais abrírom o prazo de matrícula para o curso 2014-2015.
Em Ponte Vedra, a A.C. Trépia oferta aulas de pandeireta e canto, baile tradicional, pandeiro quadrado, gaita, traxe tradicional e produçom musical. Mais informaçom em *http://www.trepia.org*.
A escola compostelana Cantigas e Agarimos conta com cursos de diferentes instrumentos (acordeom, guitarra, sanfona...), solfejo, e aulas infantis de iniciaçom à música. No seu site informam sobre como inscrever-se: *http://www.cantigaseagarimos.es/*.
'O Carballo' oferece aulas de música e dança na Associaçom Vizinal de Sárdoma (Vigo); mais informaçom a través deste endereço : *musicaedanzaocarballo@gmail.com*.
A A.C. Os Castros, de Ames, programa aulas de baile, gaita, ponteiro, pandeireta e percussom. Neste website está o contacto com a associaçom: *http://acoscastros.es/*.

A CORUNHA

Festival Galego de Cabaré

O Teatro Colón da Corunha acolhe, do 24 ao 28 de setembro, os diferentes espetáculos que participam no 8º Festival Galego de Cabaré, encabeçado pola legenda 'Volve a recoluçom dourada do outono!'.
As montagens programadas som a 'Gala O Grande Musical' (24 de setembro às 21:00), 'Babel' (dia 25 às 21:00), 'Con Martín a Río 2016' (dia 26 às 21:00), o Marathón de cabaré e café cantante (dia 27 às 21:00) e 'Máxico Circus Cabaré' (domingo, 28 de setembro, desde as 18:00).

EIRA DA XOANA

Homenagem ao cura das Encrobas

ADEGA, a Eira da Xoana e a Irmandade Moncho Valcarce organizam umha homenagem ao alcumado cura das Encrobas. Será no dia 27 de setembro desde as 14:00, com a organizaçom dum jantar de convívio, ao que segue o ato de homenagem a Moncho Valcarce Vega (começa às 17:00).
A Eira da Xoana (que está no lugar de Ramil, dentro do concelho de Agolada) acolhe todas as atividades.

19 e 20.09.2014 / FESTIVAL XIRIA POP / 22:30 na Sala Dublín (Rua Fomento, 25). CARVALHO
Concertos de The Tripwires, Fuckin' Bollocks, The Reverendos ou Anton Barbeau.

19 a 21.09.2014 / VII ACAMPAMENTO DE MONTANHA DA AMAL / 19:00 no refúgio de Requiás. SERRA DO GERÊS
Organiza a Agrupaçom de Montanha Águas Limpas. A inscriçom custa 20 euros e pode ser formalizada no endereço *aguaslimpas@gmail.com*. Há informaçom sobre os roteiros e atividades em *www.aguaslimpas.blogspot.com*.

20.09.2014 / HOMENAGEM A XOÁN CORRAL / 16:30 na área recreativa do rio de Baamonde. BEGONTE
Intervençons literárias, musicais, magia, audiovisuais... Com Mini e Mero, o Mago Antón ou Sons da Aldea. Será apresentada umha publicaçom dedicada a Xoán Corral e ao finalizar haverá petiscos.

20.09.2014 / FOLIAGRA / Toda a jornada na Rua Barcelona (Agra do Orçám). CORUNHA
Passa-ruas, atividades infantis, foliada e os concertos de Fracasados de Antemano e Sés.

20.09.2014 / FESTIVAL FOLCLÓRICO ANAQUINHOS / 19:30 no multiusos do Pinheiral. REDONDELA
Com o Orfeom Marinheiro do Berbês (Vigo) ou o Grupo de Danças de Leira (Ordes).

20.09.2014 / FESTIVAL GARITOSIS 2014 / À noite na Rua da Música. SÁRRIA
Inclui concertos de Recambios Tucho, Maskarpone ou Esnaquizadores, entre outros.

23.09.2014 / OBRADOIRO DE NARRAÇOM ORAL / 18:00 no Centro de Convívio Uxío Novoneyra (Rua Quiroga Ballesteros). LUGO
Organiza a Associaçom de Escritores/as em Língua Galega (AELG). Inclui 13 sessons até dezembro. Com a presença de Isidro Novo, Antonio Reigosa e Ana Carreira.

23.09.2014 / PROJEÇOM DE *ELES*, DE ROBERT HARMON / 19:30 no salom de atos do Ateneu Ferrolano (Rua Magdalena, 202-204). FERROL
Dentro do ciclo 'Novos Medos'.

23.09.2014 / PALESTRA 'A PRÉ-HISTÓRIA, A LINGUÍSTICA E A GALIZA: ANTIGOS LAÇOS ENTRE A GALIZA E A IRLANDA' / 20:00 em Portas Ártabras (Cidade Velha). CORUNHA
Vai falar Séamas Ó Direáin.

24.09.2014 / PROJEÇOM DE *AN EVERLASTING PIECE*, DE BARRY LEVINSON / 20:30 no C.S. Gomes Gaioso (Rua Marconi, 9 - Monte Alto). CORUNHA

26 e 27.09.2014 / ASPENIZAS FOLK / 21:00 em Paramos. TUI
Mostra de artesania e atuaçons de Riobó, Brigan, O son da Triga, Saldos Negativos ou Treixadura. No sábado as atividades começam às 11:00.

27.09.2014 / VI JORNADAS DE CULTURA POPULAR GALEGA / 20:00 na Casa da Cultura (Av. Marqués de Figueroa, s/n). SAM SADURNINHO
Organiza A.C. Berros do Castro, que titula as jornadas 'De trompas, bichos e outras músicas'. Inclui umha exposiçom, um obradoiro e concertos.

27 e 28.09.2014 / FESTIVAL DAS BRÉTEMAS / Toda a jornada em diferentes espaços. PONTE AREIAS
Atuam As Tranxenéricas, Sacha na Horta e Descalzas, entre outros grupos. Também vai haver teatro, um concurso de cantos de taverna, colóquios...

30.09.2014 / PROJEÇOM DE *28 DIAS DEPOIS*, DE DANNY BOYLE / 19:30 no salom de atos do Ateneu Ferrolano (Rua Magdalena, 202-204). FERROL
Dentro do ciclo 'Novos Medos'.

03.10.2014 / I FOLIADA SANTIAGUINHA / 23:00 na Irmandade da Garita. SOMOÇAS
Atuam O Garabato dos Trasnos, Os Feroces da Galgueira ou Berros do Castro.

09 a 13.10.2014 / V CONGRESSO DE PATRIMÓNIO ETNOGRÁFICO / Toda a jornada na Faculdade de CC. da Educaçom (Rua Doctor Temes, s/n). OURENSE
Dedicado a 'O afiado e outras técnicas artesanais de comunidades rurais'.

ENVIA CONVOCATÓRIAS ao correio agenda@novasgz.com antes do dia 12 de cada mês. Anuncia os teus atos no NOVAS DA GALIZA.

NOVAS DA GALIZA

Apartado 39 (15701) COMPOSTELA | Tel. 692 060 607 | info@novasgz.com

MANOEL PÉREZ GARCÍA E IVÁN RODRÍGUEZ, DO CENTRO SOCIAL HARAR

“Harar quer ser um centro social aberto para fazermos cultura de base”

XOÁN R. SAMPEDRO / Em pleno verao abriu as portas em Noia o Centro Social Harar. Um projeto impulsionado pola juventude mais ativa politicamente da vila, que toma o nome da Última fugida a Harar de Avilês de Taramancos, “a figura mais destacada das letras da vila, que fijo muito por dinamizar a cultura galega”. Com um grupo promotor jovem, “quase na totalidade com idades entre os 19 e os 25”, nasce este espaço de luita “por um presente melhor”, que visa ser ferramenta para “apreeender o feminismo”, “defender, conhecer e cuidar a terra” ou reclamar “os direitos vulnerados às pessoas presas por motivos políticos”, entre outros objetivos iniciais.

Como surde a ideia de pôr em andamento um centro social?

[Manoel] Andávamos já a pensar na ideia de montar um centro social em Noia e, quadrou que minha irmá tinha um local à venda desde há já mais de dous anos e nom se dava vendido. Perguntei-lhe se poderia fazer-nos umha cessom, e isso acordamos. Por enquanto umha cessom dum ano, mas em princípio até que se venda. Avisei algumhas pessoas, e já figemos umha convocatória tentando estendê-la ao maior número de pessoas possível. E em inícios de agosto já nos juntamos mais de vinte pessoas. Ficamos com ilusom e aí estamos.

[Iván] Sobre todo pola necessidade de levar algo adiante em Noia, que somos muita mocidade mui espalhada, mas isto oferecia-nos a oportunidade de fazermos algo todas e todos juntos.

Quem fai parte agora mesmo do projeto e a quem procurades chegar?

*[I]*É um coletivo mui heterogéneo, com gente de todas as sensibilidades. Há uns pontos mínimos que som a esquerda, o feminismo, a defesa da Galiza... e a partir daí trabalhamos todas e todos: anarquistas, socialistas, independentistas...

*[M]*Agora somos juventude sobretodo, mas o objetivo é chegarmos a toda a vila, velhos e mais novos, e tecermos relaçom com os vizinhos e vizinhas. Tentando que a gente participe e se envolva com o que é o funcionamento do centro social.

Tenhem pesado na conformaçom do projeto experiências do anterior centro que estivo a funcionar em Noia, o Roi Soga de Lobeira, ou doutros centros sociais?

[I] Nós conhecemos aquilo, ainda que éramos mui novos como para vivê-lo desde o princípio. Há algumha gente que está agora mesmo a dinamizar o Harar, que já tinha trabalhado antes no Roi Soga, ou noutros centros sociais do país.

Há na vila algum outro tecido associativo, político ou cultural que vos poda servir especialmente de suporte?

*[I]*Nom é que exista demasiada cousa. Além de partidos, alguns dos seus militantes participam a título individual no centro social, há já alguns meses que Ceivar está s fazer trabalho, e daí também há gente que depois participa no projeto. Mas, fora isso, nom há um tecido associativo forte em que apoiar-se.

O governo em Noia está conformado por umha coligaçom 'anti-PP'. Por que continua a ser necessário um projeto como o C.S. Harar havendo um governo 'de progresso'?

*[I]*Nós o que queremos, um dos piares do centro, é a participaçom. Entom por muito que umha concelharia, ponhamos de cultura, faga melhor ou pior trabalho, é impossível que a mocidade ou qualquer coletivo ou agente social participe diretamente da tomada de decisons nesse espaço. O Harar quer conformar-se de forma aberta, de modo participativo: entrarmos todas e todos a programar, a fazer cultura de base.

Agora toca começar a transformar em atividade todos os objetivos iniciais. Que planos tendes para os próximos messes?

*[M]*O caso é que a maioria estamos a estudar fora e isso condiciona a nossa atividade, portanto, agora vamos trabalhar fundamentalmente durante os fins de semana. O plano com que trabalhamos inclui projeçons nas sextas feiras, atividades culturais ou de debate mais potentes nos sábados à tarde, e abrirmos aos domingos de manhá para que a gente desta rua poida vir botar a partida aqui.

*[I]*Tentando nom deixar de lado nengum ámbito, trabalhando a programaçom cultural e política, mas também mais adiante complementar com cursos onde partilhar outros saberes práticos; seja música, costura,... ou qualquer outra cousa útil para o dia a dia.

Alberto Ramos

MOLT MISERABLE PRESIDENT

As Noticias do Guinhol, como toda Espanha, equivocárom-se com o tijolo. Trabucarom-se ao lhe endurecer o rostro a Louis Van Gaal. A hardface devia adornar a Pujol, esse Yoda que decidia governos e perdoava vidas. O ex-honorável president defraudou demasiado e confirmou as suspeitas de muitos. E provavelmente a sua covardia, a ocultaçom durante anos dumha fortuna suja, foi a maior das traiçons que puido perpetrar. Porque agora todo estoura e os cascalhos cobrem, quase sepultam as aspiraçons imediatas dum país que quer, mas nom pode.

Jordi Pujol parece tirado dumha novela, das piores, de Eduardo Mendoza. Filho da burguesia catalá, de banqueiros, senhor bem da cidade condal. Protótipo de direita aceitável, respeitada. Polo menos, que pode ser assumida polos incautos ou conformistas, que nom som o mesmo, mas som iguais. Mesmo tinha sido castigado polo franquismo, o qual lhe oferecia um brilho dourado no relato kitsch que é a transiçom. Assim, com minúsculas.

Mais por cima de todo, Pujol é um miserável. A sua miséria nom se corrige com os milhons guardados deus sabe onde ou com a prepotência de nom querer limpá-los com umha das várias amnistias fiscais que lhe oferecêrom em Madrid para ser mais honorável em Barcelona. Nom tivo tempo, seica.

Cospedal assegurou que o de Pujol desmontava a ideia de “España nos roba”. Nom estou totalmente certo disso, nom sei se Pujol nom seria sempre mais Espanha que Burgos ou Toledo. Nom o sei.

Mas voltemos à miséria. A sua e a de ninguém mais. Um dia de julho, feriado nestes lares, decidiu avisar a sua irmá dum dinheiro do pai que ficou por aí. Ela, que supostamente nom sabia nada, nom soubo que dizer. O cunhado de Pujol sim soubo falar, dias depois para La Vanguardia. Contou que eles moravam ao pé da mae do ex president. Quando morreu, vendêrom a casa. O dinheiro foi repartido metade e metade. Ela tinha-se encarregado da mae enferma. Muito habitual isto numha família qualquer, mas nom todas tenhem milhons guardados. A verdade... nem um pouco de vergonha. Nem piedade. Só dissimulo. Até a última cadela. Assim atuam os miseráveis: polo miúdo. Olhando para si próprios.